

Silvio Sassi

**O CARISMA PAULISTA
É PASTORAL**

CARTA DO SUPERIOR-GERAL



**O CARISMA PAULISTA
É PASTORAL**



Padre Silvio Sassi

O CARISMA PAULISTA É PASTORAL

CARTA DO SUPERIOR-GERAL



USO INTERNO

Nihil obstat:

Pe. José Carlos Nunes

Superior Regional

Pré-impressão:

PAULUS Editora

Impressão e acabamento:

Publidisa

Depósito legal:

ISBN: 978-972-30-1754-0

© PAULUS Editora, 2013

Rua D. Pedro de Cristo, 10

1749-092 LISBOA

Tel.: 218 437 620 – Fax: 218 437 629

editor@paulus.pt

www.paulus.pt

Caríssimos irmãos,

Como prescrito na alínea operativa 3.3.1 do IX Capítulo-geral, este ano iremos debruçar-nos sobre a leitura aprofundada e a conseqüente atualização dos dois textos alberionianos *Appunti di teologia pastorale* (= ATP)¹ e *La donna associata allo zelo sacerdotale* (= DA)² na edição de 1915, ainda que se iniciados antes, como nos informa o próprio autor.

As reflexões que apresento, e que confio ao estudo pessoal e comunitário em vista de um contributo enriquecedor, aplicam-se antes de mais à Sociedade São Paulo; todavia, porque entendemos viver em comum o terceiro ano de preparação para o centenário de 20 de agosto de 2014, quis ampliar os horizontes para incluir toda a Família Paulista.

Com frequência em frases lapidárias, e em algumas ocasiões de modo bem argumentado, o Primeiro Mestre afirmou que «toda a Família Paulista nasceu para a pastoral». Ainda que o termo “pastoral”, como substantivo e adjetivo, encontre ainda hoje plena cidadania na linguagem da vida de fé, podemos também utilizar outras expressões para exprimir o mesmo significado: o carisma paulista é «evangelização», é «missionário», é «apostólico», é «comunicação».

¹ *Appunti di teologia pastorale*, ao cuidado de Virginia Oporozzi, sjbp e Angelo Colacrai, ssp, Cinisello Balsamo, 2002.

² *La donna associata allo zelo sacerdotale*, ao cuidado do Centro di Spiritualità Paolina, Cinisello Balsamo, 2001; 2008².

A identidade “pastoral” do carisma paulista tem as suas raízes em ATP e em DA, que tratam do ministério sacerdotal na paróquia, inteiramente dedicado à «cura das almas», e da colaboração de cooperadores, de modo particular da mulher, de que o pároco se deve servir, oferecendo-lhes assim um «quase sacerdócio» que faz deles verdadeiros «apóstolos».

Lendo seguidamente os *Apontamentos de teologia pastoral, A mulher associada ao zelo sacerdotal, Abundantes divitiæ gratiæ suæ (=AD)*³ e *Ut perfectus sit homo Dei (=UPS)*⁴ tem-se a nítida impressão de que assistimos a um fenómeno de círculos concêntricos: partindo da identidade pastoral do pároco e da mulher associada, o beato Alberione aplica-a, em fins de 1953, em forma de lista nas «abundantes riquezas» da Família Paulista de então e em 1960, quando declara ter completado a sua missão de Fundador, articula-a de modo preciso para a Sociedade São Paulo e para toda a Família Paulista.

Quando o Primeiro Mestre diz que o livro ATP se destina aos sacerdotes paulistas e à Sociedade São Paulo e que a DA foi escrito para as mulheres que pertencem à Família Paulista, em especial para as irmãs e as consagradas na secularidade, além de nos revelar um pouco de si, estimula a nossa curiosidade. Uma investigação paciente confirma uma continuidade de pensamento e uma adaptação original entre a descrição do sacerdote pároco e dos seus cooperadores, em especial da mulher, e o sacerdócio paulista e os membros da Família Paulista.

Sem querer prescindir desta experiência enriquecedora, requerendo-se tenacidade para uma leitura direta dos dois volumes ou para a leitura integral da presente carta, creio que se possa colher o pensamento do Primeiro Mestre e empenhar-

³ *Abundantes divitiæ gratiæ suæ*, ao cuidado de Angelo Colacrai ssp e Eliseo Sgarbossa ssp, SSP-Casa generalizia, Roma, 1998.

⁴ *Ut perfectus sit homo Dei*, ao cuidado do Centro di Spiritualità Paolina, Cinisello Balsamo, 1998.

-nos numa sua atualização, ainda que concentrando o interesse sobre os números 0-1 e 4-8.

A todos vós, irmãos, e a quantas e quantos pertencem à “admirável Família Paulista” e que queiram servir-se desta carta para aprofundar a identidade pastoral do carisma paulista, desejo que os ATP e a DA contribuam para reavivar o desejo de «comunicar a fé» no estilo de São Paulo: «Tornei-me tudo para todos.» (1COR 9,22)

0. A FAMÍLIA PAULISTA NASCEU PARA A PASTORAL

0.1. Para se compreender os conteúdos da afirmação «O carisma paulista é pastoral», podemos fazer referência a três momentos sucessivos da história das fundações que formam a Família Paulista.

Quando, em 8 de setembro de 1913, o beato Tiago Alberione recebeu do bispo de Alba, D. Giuseppe Francesco Re, a proposta de assumir o encargo de dirigir o semanário diocesano *Gazzetta d’Alba*, ele leu nisso «o toque do sino» indicador da «hora de Deus» para iniciar o apostolado da imprensa (cf. AD, n.º 30) com a fundação da Escola Tipográfica Pequeno Operário, germen da Sociedade São Paulo (20 de agosto de 1914). O carisma paulista nesse tempo identificava-se com «a pregação do Evangelho através da imprensa», justificado pela convicção declarada do beato Alberione de que há uma equivalência entre “pregação escrita” e “pregação oral”.

Em finais de 1953, por ocasião do 40.º aniversário de fundação da Sociedade São Paulo, além de oferecer o testemunho sobre os preparativos e os inícios da sua primeira fundação, o beato Alberione fez referências também às Filhas de São Paulo (15 de junho de 1915), às Irmãs Pias Discípulas do Divino Mestre (10 de fevereiro de 1924) e às Irmãs de Jesus Bom Pastor

(7 de outubro de 1938). O carisma paulista foi descrito pelo Fundador como composto por «um único espírito: viver Jesus Cristo e servir a Igreja» e por «apostolados complementares» (cf. AD, n.º 34).

Em abril de 1960, declarando completa a “missão” recebida de Deus, o beato Alberione, após haver reconhecido cinco congregações, três institutos agregados à Sociedade São Paulo e a União dos Cooperadores, afirma: «Com estas organizações, que têm um carácter internacional, a Pia Sociedade São Paulo pode estender as suas riquezas a todos e dar ao mundo Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida.» (UPS, I, n.º 20) O carisma paulista é confirmado como caracterizado por «um único espírito, que está contido no coração de São Paulo» e «os vários fins convergem num único fim comum e geral: dar Jesus Cristo ao mundo» (cf. UPS, I, n.º 20).

O carisma paulista longamente pensado pelo beato Alberione, com a progressiva iluminação do Espírito e as necessárias aprovações da Igreja, compõe-se de: a) uma espiritualidade comum, b) um conjunto de apostolados convergentes, c) diversos estados de vida (religioso consagrado sacerdote, religioso consagrado leigo, irmã, leigas e leigos consagrados na seccularidade, cooperadores).

O conjunto das fundações foi descrito pelo beato Alberione como «a imensa paróquia paulista»: «Estas instituições são como a parte diretriz, como numa grande paróquia existem: pároco, coadjutores, ação católica, catequística, cinematográfica, imprensa; dirigentes em atividades para a juventude, os homens, os artistas; para os doentes, vocações, canto sagrado, ação política e social, beneficência, para a conversão dos irmãos separados, dos ateus, pagãos, etc., etc.» (UPS, I, n.º 381) «A imensa paróquia paulista só tem como limites os confins do mundo, e como grei é também grande pois é já um rebanho, para acolher a todos os que desejarem fazer parte dele.» (UPS, I, n.º 382)

Comparando a Família Paulista a uma paróquia, o Primeiro Mestre, apoiado na sua experiência de sacerdote diocesano, encontra a imagem final para esse seu projeto inicial de querer dar vida a uma organização única, composta por mulheres e homens, sacerdotes e leigos, animada por uma única espiritualidade e empenhada em "apostolados modernos", mas que as prescrições do Direito canónico do tempo não previam e as autoridades eclesíásticas nunca autorizariam.

0.2. Da sua formação seminarística, da sua atividade na diocese e do seu ensinamento pastoral para o ministério paroquial, o beato Alberione chega a um denominador comum para toda a Família Paulista: a pastoral, sintetizada na expressão "salvar as almas".

«Isto foi sempre o pensamento e o fim pastoral do nosso apostolado, como se pode ver no facto de na Família Paulista haver um instituto chamado de Jesus Bom Pastor, como se lembram: são as humildes cooperadoras do zelo pastoral.» (UPS, I, n.º 427)

«A característica da Família Paulista é precisamente ter um espírito pastoral, ou seja, de ajudar as almas, sentir o apostolado e o apostolado dirigido à salvação das almas, em vista de fazer cada vez mais bela a Igreja, servi-la sempre melhor e por conseguinte cooperar com ela na salvação das almas, na edificação do Corpo Místico de Jesus Cristo que é a Igreja, para que a redenção seja aplicada.»⁵

«Toda a Família Paulista se orienta para a pastoral: há quem faz uma parte, e quem faz outra. O espírito de São Paulo, especialmente pelas leituras, portanto os livros, as revistas, a difusão da Bíblia, etc.»⁶

⁵ *Alle Pie Discepoli del Divin Maestro* 1961, PDDM-Casa Generalizia, Roma, 1987, n.º 137.

⁶ *Alle Suore di Gesù Buon Pastore* 1963, SJBP-Casa Generalizia, Roma, 1984, n.º 400.

«O espírito pastoral. Hoje fala-se muito do espírito pastoral e como também desde há um certo tempo se despertou este espírito pastoral. De 1910-11, vede (vós não passastes por aqueles anos), começou-se o trabalho pastoral e os escritos pastorais e os livros pastorais. Isto foi iniciado na Sociedade São Paulo, seguindo este princípio: que tudo o que diz respeito à imprensa, ao cinema, aos discos, tudo se deve inspirar no apostolado pastoral, porque toda a Família Paulista se orienta para a pastoral. Mas vós representais nesta parte a parte melhor. Com efeito, esta vossa família une-se às outras.»⁷

«Se conheceis um bocadinho bem a Família Paulista, toda ela está orientada para a pastoral. Toda. Quer dizer, para as almas. E se existe a imprensa, e se existe o cinema, e se existe a liturgia, e se existem as irmãs que devem trabalhar pelas vocações e depois os que são agregados: os sacerdotes de Jesus Sacerdote e ainda as Anunciatinas e depois os Gabrielinos: tudo é para as almas. Vós depois tendes o expoente da ação nisto. De ação, e portanto deveis ser tão íntimas com a Família Paulista que dela tomais e dais. Tomais para vós e dais no contacto com as almas.»⁸

«Que toda a Família Paulista se oriente sempre para as almas, para todas as almas.»⁹

A Sociedade São Paulo é a célula-mãe das sucessivas fundações da Família Paulista realizadas pelo beato Alberione, às quais transmitiu «quanto ele sentia» (AD, n.º 17) para responder ao convite de Cristo: «Vinde a Mim todos.» (Mt 11,28)

0.3. A pastoral pensada e realizada pelo Fundador tem um carácter «missionário», porque ele é bem consciente das mas-

⁷ *Alle Suore di Gesù Buon Pastore* 1965, SJBP-Casa Generalizia, Roma, 1985, n.º 94.

⁸ *Alle Suore di Gesù Buon Pastore* 1965, cit., n.º 325.

⁹ *Alle Pie Discepole del Divin Maestro* 1966, PDDM-Casa Generalizia, Roma, 1990, n.º 443.

sas que não só abandonaram a vida de fé vivida numa comunidade paroquial e nem se quer sentem mais necessidade disso, como da multidão de povos que nunca escutaram o anúncio do Evangelho.

Pastoral e missão, no contexto eclesial do princípio de 1900, eram entendidas como duas atividades diversas: a pastoral era concebida como o conjunto das iniciativas necessárias para cultivar a fé de quem era já crente, «a arte dos pastores que se ocupam da cura das almas», ao passo que a missão era considerada como a mansão evangelizadora dos não cristãos (missões estrangeiras) e dos cristãos não praticantes (missões populares).

A consolidação na Europa da revolução industrial e o nascimento do movimento operário incidiram também no modo de entender a pastoral, sobretudo com a sensibilidade pelo social demonstrada também por outros eclesiásticos e leigos de âmbito católico. Pastoral e missão convergem sempre mais numa “pastoral missionária”.

O nascimento da JOC (= *Jeunesse ouvrière chrétienne*) em 1925 na Bélgica e em 1927 na França fizeram com que uma parte do clero se desse conta que se estava a criar uma fratura inultrapassável entre a vida operária e a fé proposta na paróquia. Surgem os “padres operários” (em 1944 em Paris) com a motivação que para entender os trabalhadores e para lhes fazer compreender é necessário partilhar a sua vida, conhecer por experiência direta as suas condições de trabalho, de salário, de habitação e de subsistência.

A Igreja na Europa toma consciência que se está a tornar «uma terra de missão» e estas reflexões são confirmadas e cada vez mais documentadas nos livros *La France, pays de mission?* de H. Godin e Y. Daniel (1934) e *Vaste monde ma paroisse*, de Yves M. e J. Congar (1959).

O beato Alberione, informando-nos de uma sua «visita a Bruxelas, e de modo especial à JOC» (cf. AD, n.º 128), confirma a sua abertura mental às mudanças da sociedade. Com as devidas distinções, podemos afirmar que o Fundador reagiu com criatividade à obra de descristianização produzida pela imprensa com a sua ideia do «padre escritor», como o «padre operário» foi um novo modo para evangelizar a classe operária cada vez mais afastada da fé.

A reflexão do beato Alberione amadurece ainda antes do nascimento oficial do movimento dos padres operários e ele mesmo nos indica as suas fontes de proveniência alemã: «Pelo carácter pastoral no apostolado paulista, muito tomou de dois grandes mestres: Swoboda, *Cura de almas nas grandes cidades*, e Krieg, *Teologia pastoral*, 4 volumes, que leu e releu durante dois anos.» (AD, n.º 84)

No meio da variedade das mudanças, o beato Alberione tem um ponto de referência fixo: «Depois a pastoral tomou uma orientação conforme o exemplo e a obra de Pio X, seguindo caminhos construtivos... Por um certo período, nada existia de bom na cultura se não viesse da França; depois todos se referiam aos estudiosos alemães.» (AD, n.º 50)

Com as categorias teológicas do seu tempo e a sensibilidade pelas mudanças sociais, o Fundador está entre os que pensam e operam a passagem, primeiro na paróquia e depois na imprensa, de uma pastoral estática que se quer ocupar de quantos já praticam, a uma pastoral dinâmica, capaz de envolver também os não praticantes e dirigir-se a quem ainda não acredita.

0.4. O beato Alberione deixa-se influenciar pela pastoral missionária paroquial para a aplicar com originalidade à pastoral missionária com a imprensa. Desde a experiência vivida durante a adoração na noite entre 1900 e 1901, o Fundador, embora dedicado à sua atividade formativa e ministerial no

seminário e na diocese de Alba, está particularmente atento aos efeitos que jornais e livros produzem nas massas, muitas vezes afastando-as da fé ou formando-as sem valores cristãos.

«Desde então estes pensamentos dominaram o estudo, a oração, toda a formação. A ideia, antes muito confusa, esclarecia-se e, com o passar dos anos, concretizava-se.» (AD, n.º 21)

Observando a pregação do sacerdote na paróquia, o beato Alberione confronta-a com a «pregação» de um jornal «mau»: «O sacerdote pode pregar a pessoas que quando chegam a casa se encontram com um vendedor de jornais, que pregará todos os dias e com o lenocínio das paixões mais até que ele. Que proveito terá?» (ATP, n.º 130)

Sabemos por sua informação direta (cf. AD, n.º 67) que ele lia a revista dos Jesuítas *La civiltà cattolica* de modo sistemático a partir de 1906 e podemos deduzir que se demorava com particular interesse sobre artigos que tratavam do poder da imprensa refletindo nos conselhos que eram dados para utilizar a imprensa para evangelizar.

Nos meses de janeiro e fevereiro de 1903, *La civiltà cattolica* publica, em dois números, um artigo intitulado «A imprensa grande potência». Podemos imaginar o efeito sobre o beato Alberione de algumas passagens do artigo que reportava frases de autores sobre o poder da imprensa: «O Carlyle: “A verdadeira igreja de Inglaterra está hoje representada por jornalistas, que diariamente pregam ao povo”; o Rosenberg: “Ó imprensa periódica, tu és o orador, o grande pregador do nosso tempo. As palavras que tu pronuncias com tanta paixão ecoam em poucas horas em todo o país. Tu pregas nas tabernas, nos cafés, nos transportes, nos comboios, nas casas privadas e poderosamente em todas as praças. Onde um maior número de pessoas estiver reunido, tu estás no meio delas e pregas. Mas a tua palavra não se perde, como do púlpito, logo que pronunciada. O que não se imprime na memória do ávido leitor, permanece impresso no papel e, a quem nele deitar um olhar,

prega assiduamente. Assim tu gritas quotidianamente, sem tréguas e sem descanso.” »¹⁰

Em janeiro de 1914 é publicado o livro *Il re dei tempi (O rei dos tempos)* do Sac. Giovanni Borgna, dedicado aos «superiores do seminário» de Alba como ato de reconhecimento pela formação recebida, e propõe-se como objetivo «persuadir todos os católicos da importância capital desta missão do jornalismo e da imprensa para que zelem por ela com todo o fervor do seu bom coração».

O volume foi certamente lido pelo beato Alberione porque algumas páginas são citadas sem fazer referência à origem, em alguns números da União Cooperadores Boa Imprensa, primeiro boletim dos Cooperadores Paulistas a partir de 1918 e concorre para formular a ideia da «pregação escrita».

1. A FAMÍLIA PAULISTA JÁ PRESENTE EM GÉRMEN NOS ATP E NO DA

1.1. Para apreciar a importância que o beato Alberione atribui aos seus dois escritos ATP e DA em relação às sucessivas fundações, é necessário escutar o seu testemunho direto.

Já em DA o beato Alberione faz referência aos ATP: «Aqui não é o caso de examinar todas as causas destes gravíssimos males; estes seriam: a não consideração pelas grandes massas da população, a falta de meios modernos na cura pastoral, pouca confiança entre o clero, etc. Procurei expor isto no melhor modo possível em *Appunti di teologia pastorale*.» (DA, n.º 222)

Em fins de 1953, contando a história dos inícios, o Fundador afirma que as igrejas ao Divino Mestre em Alba, à Rainha dos Apóstolos em Roma e a São Paulo em Alba «foram construí-

¹⁰ *La civiltà cattolica*, 9 de janeiro de 1913, p. 135 s.

das segundo os princípios publicados alguns anos antes nos *Appunti di teologia pastorale*» (AD, n.º 77).

Explicando a origem do espírito pastoral das primeiras quatro fundações, o beato Alberione faz referência à génese do seu primeiro livro: «Durante dois anos, em conferências semanais, com doze sacerdotes, estudou os meios para uma boa e atualizada cura de almas. Sobre este assunto interrogou e teve sugestões escritas (que transmitia aos clérigos e jovens sacerdotes) de uma quinzena de vigários forâneos. Daí resultou o livro (1913) *Appunti di teologia pastorale*. O cardeal Richelmy no prefácio observa que nele se indicam os meios mais aptos para o tempo presente.» (AD, n.º 83)

Dirigindo-se às Irmãs de Jesus Bom Pastor, o Fundador, numa conferência de 20 de março de 1939, indica o seu livro: «Entretanto seria bom que pegásseis num tratado de Teologia Pastoral e até nos meus *Appunti di teologia pastorale*, tendo presente que em alguns pontos já estão ultrapassados e já não podem servir.»¹¹

Durante o curso de exercícios espirituais de abril de 1960, o Fundador apresenta a Sociedade de São Paulo na sua identidade essencial: «Antes de a iniciar publicou-se o volume *Appunti di teologia pastorale: é pastoral*.» (UPS, I, n.º 376) Tal identidade caracteriza a congregação ainda antes de sua fundação efetiva: «A Pia Sociedade São Paulo deu sempre importância especialíssima à Pastoral; prevendo os tempos, preparou-se o livro *Appunti di teologia pastorale*, saído em duas edições. Saiu ainda depois completamente feito.» (UPS, I, n.º 424)

Em 1961, por ocasião dos exercícios espirituais extraordinários às Filhas de São Paulo, referindo-se à pastoral, afirma: «Fiz sair novamente os *Appunti di teologia pastorale* porque ele é o timbre de todo o apostolado. Não existe outro; fomos feitos

¹¹ *Prediche alle Suore Pastorelle*, I, SJBP-Casa Generalizia, Roma, p. 35.

para as almas! Temos pouco para dizer e pouco para acrescentar. Podem-se meter à frente tantos pensamentos, mas um só é propriamente o fim: ser piedosas e apóstolas! Apóstolas! "Piedosas": o primeiro artigo [das Constituições]; "apóstolas": o segundo artigo.»¹²

Na circular n.º 273, de maio-junho de 1965, dirigida às Filhas de São Paulo, o beato Alberione sintetiza: «Para a Sociedade São Paulo foi escrito o primeiro livro para os sacerdotes *Appunti di teologia pastorale*; e logo depois foi escrito o livro *La donna associata allo zelo sacerdotale*. De outros modos Deus preparou os outros institutos da Família Paulista.»¹³

Falando às Irmãs de Jesus Bom Pastor em 30 de março de 1967, o Fundador não hesita dizer: «O primeiro livro que foi publicado em Itália sobre a pastoral foi da Sociedade São Paulo: fomos nós que o escrevemos.»¹⁴

1.2. Com o passar dos anos não se muda a convicção do beato Alberione que ambos os livros ATP e DA interessam tanto aos Paulistas como às irmãs da Família Paulista com dois objetivos: adquirir uma mentalidade comum de mobilização para a atividade pastoral e operar cada um e cada uma numa missão bem definida, específica e complementar.

O Fundador, em abril de 1960, evidencia que as congregações paulistas femininas nasceram no espírito de quanto foi escrito em DA: «As irmãs em geral representam a Mulher associada ao zelo sacerdotal, ainda publicado antes de 1914, quando se recolhiam os primeiros aspirantes e se abria a primeira pequena tipografia.» (UPS, I, n.º 376)

¹² *Alle Figlie di San Paolo. Spiegazione delle Costituzioni*, 1961, FSP-Casa Generalizia, Roma, 2003, n.º 282.

¹³ *Considerate la vostra vocazione*, FSP-Casa Generalizia, Roma, 1990, circ. n.º 273, p. 647.

¹⁴ *Alle Suore di Gesù Buon Pastore 1966-1967-1968*, SJBP-Casa Generalizia, Roma, 1985, n.º 412.

Filhas de São Paulo: «Podeis ler: A mulher associada ao zelo sacerdotal, capítulo quinto. Desde 1910, desde o dia em que na meditação considerei estas coisas, como também a obra que à Santíssima Virgem Maria foi confiada por Deus no facto da Encarnação, Redenção, Mediação e Distribuição da graça, vós, Filhas de São Paulo, fostes pensadas, desejadas, preparadas, nascidas, crescidas, até aos dias de hoje.»¹⁵ «Vós deveis ser “associadas ao zelo sacerdotal”. Antes de instituir a congregação preparei o livro *A mulher associada ao zelo sacerdotal* precisamente para vós. Esta é a vontade de Deus.»¹⁶

Pias Discípulas do Divino Mestre: «Em 1911 comecei a escrever o livro *A mulher associada ao zelo sacerdotal* e acabei-o em 1913 para preparar à Pia Discípula a luz sobre a sua vocação e sobre as vocações.»¹⁷

«Se a redenção começou assim, assim deve continuar: a mulher associada ao zelo sacerdotal. Quando vós ainda não tínheis nascido e eu escrevia tal livro, pensava precisamente em vós: A mulher associada ao zelo sacerdotal. Quero dizer, a redenção foi conseguida daquele modo e a redenção aplica-se daquele modo: a mulher com o sacerdote. Ai se erram, ou uma ou o outro, a própria missão, porque água santa e terra podem fazer lama! Mas manter-se em seu lugar na própria missão, santificam, santificam-se uma e outro, um e outra.»¹⁸

Irmãs de Jesus Bom Pastor: «A vossa missão é como a missão de Maria, associada a Jesus para salvar as almas. Para vós escrevi *A mulher associada ao zelo sacerdotal*.»¹⁹ «Acompanhadas pela ação do sacerdote representa-se Jesus como pas-

¹⁵ *Considerate la vostra vocazione*, cit., circ. n.º 67, p. 188.

¹⁶ *Alle Figlie di San Paolo*, 1940-1945, FSP-Casa Generalizia, Roma, 2000, p. 324.

¹⁷ *Alle Pie Discepolo del Divin Maestro*, 1946-1947, PDDM-Casa Generalizia, Roma, 1990, n.º 504.

¹⁸ *Alle Pie Discepolo del Divin Maestro*, 1958, PDDM-Casa Generalizia, Roma, 1986, n.º 214.

¹⁹ *Prediche alle Suore Pastorelle*, V, SJBP-Casa Generalizia, Roma, 1980, p. 88.

tor, e a irmã como pastorinha. Como o Senhor quis, desde o instante em que o Senhor prometeu a reparação do pecado de Adão: foi anunciado o Messias e a Mãe do Messias. E assim, sempre: a mulher associada ao zelo sacerdotal.»²⁰

Instituto Rainha dos Apóstolos para as vocações (Irmãs Apostolinhas). Em 7 de agosto de 1961, o Fundador fala às Apostolinhas: «Esta é a missão: ide, pregai, ensinai... Isto significa: *A mulher associada ao zelo sacerdotal*, livro-guia para todas as irmãs da Família Paulista; o vosso fundamento encontra-se aí. E foi escrito ainda antes de abrir a primeira casa...» Tudo o que o beato Alberione afirma nos ATP sobre a necessidade do pároco de promover «as vocações religiosas» (cf. c. IX), com a fundação das Irmãs Apostolinhas encontra um desenvolvimento original.

Institutos de vida secular agregados à Sociedade São Paulo. Durante os exercícios espirituais às Anunciadinas em 1962, o beato Alberione ilustra o empenho apostólico: «A mulher é associada ao zelo sacerdotal. O sacerdote é para as almas, a mulher é associada ao zelo sacerdotal. Isto, sobre a mulher associada ao zelo sacerdotal, foi o segundo livro que escrevi, após o primeiro que dizia respeito ao sacerdote. Neste pretendi falar das almas consagradas a Deus, que são associadas ao zelo sacerdotal.»²¹

A Constituição Apostólica *Provida Mater Ecclesia* de Pio XII (2 de fevereiro de 1947) permitirá ao beato Alberione desenvolver tudo o que ele afirma apresentando o estilo de vida da Pia União das Filhas de Santa Maria Imaculada: «Permanecendo embora no mundo, estas pretendem santificar-se com a prática dos conselhos evangélicos... "com empenhamento, com todo o esforço, na santificação dos outros".» (DA, n.º 185)

²⁰ *Alle Suore di Gesù Buon Pastore* 1964, SJBP-Casa Generalizia, Roma, 1985, n.º 110.

²¹ *Meditazioni per consacrate secolari*, ao cuidado da Casa Generalizia SSP, Modena, 1976, p. 336.

Associação Cooperadores Paulistas. O cuidado que desde 1918 o beato Alberione dedica aos Cooperadores Paulistas é a aplicação ao apostolado da boa imprensa de quanto tinha já delineado para os cooperadores na paróquia: «É isto uma necessidade muito sentida: seja porque o sacerdote não pode por razões de ministério e de prudência fazer tudo, seja porque a palavra de um leigo muitas vezes espelha melhor as necessidades do povo e é mais aceite.» (ATP, n.º 343)

No momento de declarar concluída a sua obra como Fundador, faz referência aos ATP e à DA definindo a Família Paulista como «a nossa paróquia» (UPS, I, n.º 377) e «a imensa paróquia paulista» (*idem*, n.º 382). Em 1961 explica: «Primeiro, fazia tudo a Sociedade São Paulo, mas chegados a oito institutos, cada qual entre no seu caminho.»²²

2. A PASTORAL PAROQUIAL NOS ATP E NA DA

2.1. Para se compreender como teve início o projeto da Família Paulista nas convicções que o beato Alberione exprime nos ATP e na DA, devem identificar-se as ideias principais de «pároco», «pastoral», «mulher associada ao ministério sacerdotal» que ele aplicará, com as devidas adaptações, às suas sucessivas fundações.

2.1.1. *Apontamentos de teologia pastoral.* A primeira edição datilografada com impressão foto estática é de 1912. No prefácio o beato Alberione explica que, sendo ele docente de Teologia Pastoral no Seminário de Alba, a pedido dos seminaristas, decidiu escrever um livro «com alguns conselhos práticos» sobretudo para os jovens sacerdotes empenhados na paróquia. O livro foi preparado pelo autor com a colaboração de dezoito párocos com longa experiência pastoral, pela leitura e a medi-

²² *Alle Figlie di San Paolo. Spiegazione delle Costituzioni*, 1961, cit., n.º 228.

tação de tratados de teologia, opúsculos, revistas e artigos de pastoral.

Em 1915 saiu uma edição impressa com a apresentação do arcebispo de Turim, cardeal A. Richelmy, com data de 2 de fevereiro de 1913, que descreveu o livro como fruto de «sólida doutrina e sentido prático». No prefácio para esta edição o autor precisou a finalidade da publicação: «Apresentar aos jovens sacerdotes um guia que com toda a simplicidade orientasse os seus primeiros passos na vida pública: mas que seja um guia prático e seguro.» Em 1960, de acordo com o beato Alberione que aí escreveu o prefácio, sai uma edição completamente refeita do volume cuidada pelo cónego Giuseppe Pistoni, do Seminário de Modena.

O texto de que me sirvo é a edição crítica do livro de 1915, publicado na *Opera omnia* no ano de 2002, cuidada por D. Angelo Colacrai, ssp e a irmã Virginia Odorizzi, sjbp.

O volume inicia com a definição do sacerdote, que se desenvolve a seguir na primeira parte ao tratar dos fundamentos do zelo sacerdotal (a piedade e as práticas de piedade, as virtudes sacerdotais como fruto da piedade, o estudo e a administração dos bens materiais). A segunda parte trata da cura pastoral e dos seus meios gerais (a ação pastoral, a cura de almas, as relações do sacerdote, a ação pastoral de alguns sacerdotes). Na terceira parte apresentam-se algumas obras próprias do zelo sacerdotal (confissão, comunhão, funções litúrgicas, pregação, catecismo, devoções do sacerdote, ação católica, obras particulares da ação católica, as vocações religiosas, a organização das festas e a construção de igrejas).

2.1.2. A mulher associada ao zelo sacerdotal. Editada em 1915 pela nascente Escola Tipográfica Pequeno Operário, andava há já algum tempo na mente do autor que em *Abundantes divitiæ gratiæ suæ* escreveu: «Para as irmãs, já em 1911 ele havia começado a redação de um livro, *A mulher associada ao zelo sacerdotal*,

para ilustrar o que uma mulher pode fazer ao colaborar com o sacerdote. Explica em especial o que pode fazer no campo do apostolado da imprensa, do apostolado social e pastoral. Tal possibilidade é particularmente larga se se tratar da mulher consagrada a Deus, a irmã. [...] Nas suas várias edições, italianas e estrangeiras, colheram bons frutos.» (AD, n.º 109)

Como foi documentado por D. Andrea Damino, o livro DA foi traduzido noutras línguas e chegou à nona edição: II edição em 1925, III e IV provavelmente somente copiadas, V em 1928, VI em 1932, VII em 1937, VIII em 1940, IX em 1954.²³

O texto permanece sem variações até à edição de 1937 que, sob indicação do beato Alberione, sofre algumas modificações e integrações confiadas a algumas Filhas de São Paulo. A edição de 1954 foi confiada pelo beato Alberione à irmã Cecilia Calabresi fsp, tendo em vista a revisão do texto e inserindo citações acerca da mulher tomadas de algumas intervenções de Pio XI e Pio XII.

O autor, num texto autógrafa de 1966, reconhece que alguns conteúdos do livro DA são fruto da mentalidade da época: «Aquele pobre livro foi escrito em 1912 e reflete o seu tempo. [...] Tenham-se em conta os tempos atuais e o Concílio Vaticano II. Os princípios são sempre os da Escritura e os da Tradição; mas as aplicações aos tempos atuais devem ser feitas com sabedoria de tempo, lugar, condições sociais.»²⁴

O texto de que me sirvo é a edição crítica da publicação de 1915, cuidada pelo padre Angelo Colacrai, ssp e publicada em 2001 na *Opera omnia*. O livro, na primeira parte, apresenta a identidade da mulher em referência ao seu potencial para o apostolado associado ao sacerdote; na segunda parte são apontados os âmbitos da atividade da mulher crente (como

²³ ANDREA DAMINO, ssp, *Bibliografia di don Giacomo Alberione*, Archivio Storico Generale FP, Roma, 1994, cf. pp. 28-29.

²⁴ *Carissimi in San Paolo*, ao cuidado de Rosario F. Esposito ssp, Roma, 1971, p. 1284.

indivíduo, na família e na sociedade) e na terceira parte são ilustrados ao sacerdote os métodos para formar a mulher na colaboração do ministério sacerdotal.

2.2. Apontamentos de teologia pastoral. A descrição do sacerdote proposta pelo beato Alberione inspira-se na Exortação Apostólica de Pio X *Hærent animo* de 4 de agosto de 1908, que adverte: «Não podemos deixar de avisar que o sacerdote deve viver santo não somente para si; [...] por isso o sacerdote deve manter-se vigilante, para que, levado por um mal entendido desejo de perfeição interior, não descure algumas daquelas partes do seu ministério que dizem respeito aos fiéis.» (N.º 10)

O beato Alberione comenta: «O sacerdote, pois, não pode ser somente um homem que vive para si: não pode ter como mote: Eu-Deus. É absolutamente necessário que trabalhe pela salvação dos outros, que escreva na sua própria bandeira: Eu-Deus-Povo (ATP, n.º 1). E ainda: «O sacerdote não é por isso um simples douto: nem sequer é um simples santo, mas é um douto-santo, que se vale da ciência e da santidade para se fazer apóstolo, isto é, para salvar as almas.» (ATP, n.º 2)

A mesma definição é rebatida em DA: «Qual é a missão do sacerdote sobre a Terra? Salvar-se? Demasiado pouco. Fazer-se santo? Muito pouco ainda. Qual é, então? Salvar-se a si mesmo, mas salvando os outros. [...] O sacerdote é o homem dos outros.» (DA, n.º 14) «Andaria fora da sua missão e portanto atraí-los a sua vocação: 1. Quem quisesse fazer sua ocupação principal ou quase exclusiva a música, a literatura, a arte, a política, a medicina, a cura de interesses materiais...; 2. Quem reduzisse a sua vida sacerdotal à missa e ao breviário: ou então quem escrevesse sobre a sua bandeira pessoal e tomasse como mote seu estas únicas palavras: Eu-Deus, este não seria um sacerdote; melhor para ele encaixaria bem o claustro no qual poderia santificar-se a si mesmo e talvez com a oração santificar os outros; mas não a vida do sacerdote secular.

A este não é suficiente a oração, nem a mortificação, a vida retirada, a fuga do pecado como indivíduo: a este o Senhor tem o direito de pedir almas, dele a sociedade deve esperar trabalho sacerdotal.» (DA, n.ºs 15-16)

A identidade do sacerdote está definida com clareza: homem para os outros; por isso todo o seu ministério serve para se santificar santificando os outros, porque ele é um apóstolo, enviado aos outros, mas não destinado a fechar-se no pessoal para pensar em si mesmo. A descrição da santidade como «santificar-se santificando os outros» e da missão do sacerdote como «homem dos outros», apóstolo, será aplicada pelo Primeiro Mestre a cada uma das fundações da Família Paulista. A santidade paulista não é solitária, mas social, não se realiza num lugar retirado fugindo do mundo, mas imersos na sociedade, no meio do povo.

2.2.1. A atividade pastoral exercida pelo sacerdote em favor dos outros é denominada «cura de almas»: «É a ação de Jesus Cristo e da Igreja, exercida pelo sacerdócio para a salvação das almas... Ela tem em vista fazer com que o pensamento humano, a ciência, a filosofia, etc., sejam cristãos: ela tem em vista fazer cristãos os desejos, os afetos, a vontade, e todas as obras humanas; ela tudo quer elevar e santificar... Daqui se vê que a ação pastoral tem em vista fazer viver nos homens o cristianismo: para fazer o homem cristão na mente, no coração, nas obras. O cristianismo não é um conjunto de cerimónias, de atos externos, de vénias, etc., é uma vida nova. Este toma o homem, integra-o, quase que o consagra. Por isso um sacerdote não se pode dizer recompensado só por na igreja haver funções esplêndidas, cantos executados com rigor, mil devoções, etc.: não se pode dizer pago só pelas comunhões anuais, pelos casamentos feitos na igreja, pelos funerais eclesíásticos, etc.: não se pode dizer pago só por certas paradas, como as peregrinações e as procissões; só porque o povo admira numa pregação a

sua eloquência, etc.; só por algumas almas se manifestarem em conceitos muito espirituais. Estas coisas poderão ser meios, mas o fim é a transformação dos pensamentos de humanos em cristãos, dos afetos humanos em afetos cristãos, das obras humanas em obras de um cristão. É necessário que o homem seja cristão não somente pelo batismo, não apenas na igreja; mas em casa, na família, na sociedade. Para isto tende tal ação: e isto tem de se ter sempre bem presente: para não se confundirem os meios com o fim.» (ATP, n.^{os} 81-82)

A “cura de almas” entendida como pastoral tem, pois, um fim bem delineado: fazer viver nos homens o cristianismo no sentido de que a fé é um estilo de vida, e não um conjunto de exterioridades ou de afetações espirituais: não se devem confundir os meios com o fim.

Nas suas fundações paulistas o Primeiro Mestre apresenta a vida de fé como uma transformação de toda a personalidade (mente, vontade e coração), que leva a um estilo de vida e dá forma aos conteúdos de todo o apostolado segundo a proposta integral de Cristo Mestre Caminho, Verdade e Vida (dogma, moral e culto). As quatro rodas do «carro paulista» (espiritualidade, estudo, apostolado, pobreza) são «meios» para atingir «o fim» da santificação santificando os outros com os apostolados.

2.2.2. Se a finalidade «pastoral», «ser o homem para os outros», «apóstolo» deve ser a identidade do sacerdote, o amor ao próximo, definido «zelo pelas almas», deve caracterizar o que o sacerdote vive para si: «Também os livros que tratam das qualidades e dos deveres dos eclesiásticos com muita frequência se demoram a tratar longamente do estudo e da piedade; e pelo contrário, tratam muito pouco do zelo. E no entanto o zelo é parte essencialíssima do sacerdote; é o fim para que devem servir a ciência e a piedade; é como o distintivo do apóstolo.» (ATP, n.^{os} 5-6)

2.2.2.1. *Piedade e práticas religiosas.* «Quando se diz “piedade” entende-se uma vida. [...] Esta é toda uma atividade interna que se manifesta exteriormente com a fecundidade das obras.» (ATP, n.º 7) Existe uma diferença entre a piedade do sacerdote e a piedade do cristão: «A piedade deste tem como finalidade a santificação pessoal, a piedade do primeiro tem em vista pelo contrário santificar a si mesmo e santificar os outros. [...] O sacerdote, especialmente se pároco, reza para a santificação pessoal e dos outros, a fim de viver o espírito de Deus em si e nos outros»; «O sacerdote santifica as almas na medida da santidade pessoal. Se ele é mais santo guiará mais profundamente nos caminhos de Deus as almas que lhe são confiadas; se ele é mais santo converterá um maior número de pecadores.» (ATP, n.ºs 7-8). «O sacerdote tem uma obrigação mais estreita de se santificar, estando a sua alma estreitamente ligada às almas dos outros; [...] se sempre ou habitualmente fossem impedidos pelas muitas obras de zelo, é melhor pôr algumas de parte para não descurar a própria alma.» (ATP, n.º 9)

Falando da necessidade da meditação quotidiana, o beato Alberione afirma: «Um sacerdote posto perante a alternativa de deixar a meditação ou alguma obra de ministério deverá omitir esta, e não a outra, nos casos ordinários da vida. Quem não come não trabalha: o que se descure como nosso redundará depois em dano para os outros.» (ATP, n.º 13)

Para justificar a necessidade da leitura espiritual, o beato Alberione defende: «Nós exortamos o povo não só a escutar as pregações de meditação, mas também de instrução. Façamos tudo o que queremos inculcar aos outros.» (ATP, n.º 15)

Exortando à fidelidade na recitação do breviário, o beato Alberione explica: «O sacerdote é pessoa para os outros: com a ação, com a palavra, com a oração.» (ATP, n.º 18) «O sacerdote tem uma família espiritual de almas que lhe pertencem, que devem formar o seu pensamento principal, que devem absorver grande parte das suas energias: ele deve viver delas e para elas.

Na oração particularmente deve tê-las diante de si, e não em genérico apenas, mas também determinadamente, quando atormentadas por necessidades especiais. Tenha diante de si os ouvintes das suas pregações, as crianças dos seus catecismos, os penitentes do seu confessorário, os tentados, os duvidosos, os inconstantes, os sãos, os enfermos. A pregação que fizer, os avisos que der, as premonições, as santas indústrias, tudo seja preparado mais orando que estudando. É necessário pregar mais com os joelhos do que com a língua, se se quiser converter e não fazer apenas barulho.» (ATP, n.º 20)

Tratando da celebração eucarística, o beato Alberione explica: «O sacerdote, além de ministro do Altíssimo, é também representante do povo na Missa e tem nas suas mãos as necessidades e os deveres de todos e trata perante Deus as causas de todos. Não basta oferecer o santo Sacrifício para si mesmo» (ATP, n.º 21); «[...] o sacerdote, e ainda mais o pároco, foram colocados à frente de um povo e devem tomar sobre si as necessidades e os deveres de todos» (ATP, n.ºs 21-22).

Para recomendar a visita eucarística quotidiana, o beato Alberione sublinha: «É junto do tabernáculo que cada padre se deve tornar um padre de fogo, para Deus e para as almas.» (ATP, n.º 24) O exame de consciência é indispensável ao sacerdote porque: «Quem não sabe fazer o exame não progride na virtude e portanto nem sequer consegue ensiná-la aos outros.» (ATP, n.º 27)

A espiritualidade que o Primeiro Mestre põe como fundamento de todas as instituições da Família Paulista tem o mesmo carácter "pastoral" e "missionário": em oração com os nossos destinatários porque devemos ser santos para produzir santos.

Limite-me a citar duas aplicações que o Primeiro Mestre fez da espiritualidade paulista para o apostolado da imprensa: «O redator paulista encontra-se numa condição especial. Em que sentido? Ele é um pregador, não com a palavra, mas com o papel, com o cinema. O pregador deve sempre fazer duas

coisas, e em proporção também o escritor, isto é, perguntar-se: Quem tenho diante de mim? A quem me dirijo? Considere que estão à sua frente os leitores ou os que espera serem-no um dia. Considere estar perante si aquele público, ou melhor, aquele grupo de fiéis a quem quer chegar.

Considere as suas almas; faça isto após a comunhão e na visita. Não somente Jesus é caminho para mim, mas é caminho para os meus leitores, é caminho para aqueles a quem quero dirigir-me, a quem quero inculcar algo. Jesus é a verdade; não basta fazeres a leitura espiritual para ti. Tu tens um dever de redação, e que verdade queres comunicar? Pedir a graça de um aumento de fé para nós e depois comunicá-la ao leitor ou ao grupo de pessoas a quem se quer chegar; e se se reza, rezar por todos os leitores, e reza-se para se ter a graça de entender as necessidades, de encontrar as vias de chegar a estes corações. [...] E então os leitores levam-se a todos no coração à comunhão, e levam-se a todos no coração quando se faz a visita a Jesus Mestre.»²⁵

Aos sacerdotes paulistas o Fundador aplica uma imagem tomada de Santo Afonso de Liguori: «Ó escritor sacerdote, o fruto depende mais dos teus joelhos do que da tua caneta! Mais da tua Missa do que da técnica! Mais do teu exame de consciência do que da tua ciência!»²⁶

2.2.2.2. Os frutos da espiritualidade e das práticas de piedade do sacerdote devem ser virtudes aptas para exercer com fruto a atividade pastoral.

A obediência ao Papa e ao bispo no seu ministério: «Ele há de dirigir: ora, não sabe dirigir quem não souber obedecer.» (ATP, n.º 36)

²⁵ *Alle Figlie di San Paolo*. Spiegazione delle Costituzioni, 1961, cit., n.º 433.

²⁶ San Paolo, 15 de dezembro de 1934; cf. *Carissimi in San Paolo*, cit., p. 20.

A castidade: «O sacerdote que não é casto tem falta absolutamente de força e de energia para cumprir realmente as obrigações sacerdotais; um sacerdote que não é casto é sempre a ruína mais do que salvador de almas.» (ATP, n.^{os} 39-40)

A humildade: «Esta virtude também lhe é necessária porque o fruto de suas obras é todo de Deus: não se deve roubar aquilo que a Deus pertence.» (ATP, n.^o 45)

A caridade. Porque o *Sacerdos alter Christus*, este deve identificar-se com Cristo e dizer: «Que sentimentos, como é que Jesus faria neste caso, que atitudes tomava? Como procederia Ele no meu lugar?» (ATP, n.^o 47)

Deve-se depois estar atentos aos sinais de relaxamento, sobretudo se resfriamos nos confrontos da salvação das almas: «De um sacerdote que no meio da ruína da juventude, da indiferença dos adultos, da corrupção de todos, não sinta a necessidade de estudar meios novos, de industrializar-se com mil artes, de examinar-se se realmente faz bem o que lhe incumbe, pode-se dizer que não levou à ordenação as qualidades necessárias, ou que está no relaxe.» (ATP, n.^o 50)

2.2.2.3. O estudo deve servir ao sacerdote para desempenhar bem o seu ministério: «O sacerdote tem dele uma necessidade absoluta e também contínua. Absoluta, porque lhe é necessário para desempenhar a sua alta missão de salvar as almas; contínua, porque ele nunca deve esquecer as coisas que aprendeu, aprender sempre coisas novas, ser um homem de hoje, e não do tempo passado.» (ATP, n.^o 52)

Podemos ler uma reflexão que no beato Alberione mudará radicalmente quando fundar a Sociedade São Paulo: «O padre não é literário, artista, médico, político, jornalista para si, mas somente por *accidens*, porquanto e até quando estas qualidades lhe puderem ser úteis para a salvação das almas e não mais do que isto.» (ATP, n.^o 53) Com o início do apostolado da imprensa,

o “sacerdote jornalista” está a tempo pleno ao serviço da evangelização.

O estudo permite ao sacerdote pôr-se em sintonia com a história que evolui: «Deve-se sempre estudar [...] porque estamos sempre sujeitos a esquecer, porque sempre se tem o dever de viver com os homens de hoje, conhecer as necessidades e os remédios novos, enquanto se gostar de fazer o bem.» (ATP, n.º 54)

Há um estudo a fazer-se não sobre os livros mas sobre as pessoas: «Estudo muito necessário é o das inclinações, usos, virtudes, defeitos, instrução, carácter, etc. da população, dos penitentes, das pessoas que estão em casa, na igreja, etc., como se poderá agir com elas, de que forma as tomar, etc. Olhe o padre para o que existe ou para o que falta, para o que é possível ou impossível obter.» (ATP, n.º 57)

É necessário o «estudo de todas aquelas coisas que mais nos aproximam do povo em que devemos viver.» (ATP, n.º 58); até a leitura dos jornais constitui um contributo para o estudo do sacerdote (cf. ATP, n.º 59).

A todas as instituições da Família Paulista, o Primeiro Mestre pediu um estudo sobre uma preparação adequada para o apostolado específico: «Os estudos têm um fim específico, e melhor dizendo, um duplo fim: aperfeiçoar o dom da natureza, a inteligência; e preparar-se para realizar a missão confiada por Deus. Dever-se-á ensinar com a língua, o papel, o cinema, o ecrã, a imagem, etc. Saber o que se deve comunicar, conhecer o modo e os meios de dá-lo: a língua, a técnica, etc.» (UPS, II, n.º 169) «O estudo para o Paulista tem como fim imediato o apostolado, que é já *regale sacerdotium*, e o apostolado com o ministério para quem tem em vista chegar ao sacerdócio.» (UPS, II, n.º 172)

2.2.2.4. Até a administração dos bens deve ser finalizada ao exercício do ministério sacerdotal: «O sacerdote mesmo na

administração dos bens não se pode esquecer de ser salvador de almas: algumas distinções não se podem utilizar na prática. E como na sua piedade e no seu estudo assim nisto em primeiro lugar e sobretudo vale o princípio *salus animarum suprema lex*. Ele deve fazer o que salva as almas e deixar o que as prejudica.» (ATP, n.º 62-63)

Entre as iniciativas a usar para o bem das almas, o beato Alberione apresentou também a «boa imprensa»: «Notei que também entre as obras católicas, da boa imprensa se sente hoje uma necessidade larguíssima: que vale, dizia Pio X, edificar tantas igrejas muito artísticas, erigir institutos, se não os munirmos da defesa da imprensa? Uma breve assinatura com a caneta dos legisladores bastará para acabar com tudo. Também isto se deve inculcar ao povo: que se instituem associações para este fim.» (ATP, n.º 71)

A apresentação do voto de pobreza, que o Fundador elaborou para todas as instituições da Família Paulista, pôs em resalto a sua funcionalidade para a missão: «Todos os institutos são obrigados à pobreza, mas não todos do mesmo modo. [...] Há uma regra de São Tomás que diz: “A pobreza religiosa tem valor instrumental, em ordem aos dois fins a que se ordena: a santificação e o apostolado.”» (UPS, I, n.º 455)

2.2.3. Porque a atividade pastoral «tem em vista fazer viver nos homens o cristianismo: fazer com que o homem seja cristão na mente, no coração e nas obras» (ATP, n.º 81), «para não substituir os meios com o fim» (ATP, n.º 82), deve-se finalizar toda a atividade pastoral para que «o homem seja cristão não somente pelo batismo, não apenas na igreja, mas também na família e na sociedade» (ATP, n.º 82).

2.2.3.1. Há alguns princípios gerais que devem guiar toda a atividade pastoral. Em primeiro lugar, operar com uma ação concorde: «A paróquia é a primeira e fundamental organização

local à volta da qual se devem constituir as organizações existentes. [...] E como a primeira está assente no pároco, assim os membros destas devem dirigir-se e deixar-se orientar pelo pároco, como membros da cabeça.» (ATP, n.º 82)

Além disso, é necessário o contacto pessoal: «União íntima entre pároco e grei: um conhecimento preciso das misérias e das necessidades, adquirido no trato direto com o povo. Algumas vezes acontece encontrar sacerdotes que andam totalmente separados da massa do povo! [...] Mas como é possível fazer o bem a quem não se conhece? Como ser procurados enquanto se não se é conhecido?» (ATP, n.º 84)

Toda a ação pastoral, direta e indireta, deve levar gradualmente o povo aos sacramentos: «Mas em toda esta variedade de obras e ações, o sacerdote deverá ter um fim último: salvar as almas; e um fim próximo: aproximar o mais possível o povo dos sacramentos.» (ATP, n.º 85)

A ação pastoral deve ter como objetivo atingir toda a massa do povo: nas paróquias existe muitas vezes um grave inconveniente: «O pároco só se ocupa de um pequeno rebanho de almas devotas, dos retiros, hospícios, hospitais. [...] E no entanto há um grande número de almas, especialmente as mais necessitadas, que ou não conhecem de verdade o pároco, ou só sabem dizer o seu nome ou apenas de vista: são a massa operária, a massa trabalhadora, são a classe culta, são os senhores, são os pobres mais desfavorecidos, são talvez aqueles de quem Jesus Cristo se aproximaria mais. [...] O pároco é pastor de todos: deve por isso deixar as noventa e nove ovelhas seguras para ir ao encontro da única ovelha perdida: sobretudo quando as ovelhas seguras são um *pusillus grex* e as perdidas são as mais numerosas.» (ATP, n.º 86)

2.2.3.2. A mentalidade pastoral necessita também de ser concretizada em algumas normas operativas. Deve-se conciliar o zelo com a prudência: «Não se deve nos nossos dias nada

descurar do que pode atrair as almas para o paraíso; a isto chama-se zelo.» (ATP, n.º 89)

Exige-se ainda uma atitude de abertura às mudanças: «Mostrar-se sempre amigo do verdadeiro progresso mesmo material, não nos opondo, mas pelo contrário favorecendo, moderadamente as boas iniciativas: inovações telefónicas, eléctricas, linhas estradais, etc. O mundo caminha a despeito dos *laudatores temporis anteacti* [...] e o sacerdote que assumisse uma posição contrária a estas boas novidades perderia a estima e o afeto do povo e mais ainda da classe culta... Se o povo ler, é preciso dar-lhe boas leituras.» (ATP, n.º 91)

A atenção às mudanças deve levar a dar uma orientação moderna às obras: «A religião, a doutrina, a moral, a ascética são imutáveis: mas também experimentaram e experimentam ainda um certo progresso accidental ao serem melhor penetradas pelos homens e ao adaptarem-se às necessidades dos tempos e das classes sociais. Nós devemos sempre levar as almas ao paraíso: mas devemos levar não aquelas que viveram há já dez séculos, mas as que vivem hoje. Temos de tomar o mundo e os homens como são hoje para fazer hoje o bem.» (ATP, n.ºs 92-93)

As mudanças do contexto social influenciam a pastoral. O beato Alberione transcreve a reflexão e a proposta de um pároco: «Temos de alargar segundo as necessidades de hoje os fins das associações antigas. E acrescentava: hoje uma Fraternidade de Terciários poderia assumir o encargo de retirar os jornais maus e divulgar os bons.» (ATP, n.º 94)

A preocupação de organizar os apostolados, a vontade de chegar não apenas aos indivíduos mas à massa do povo e às classes cultas, a criatividade para ir ao encontro das necessidades reais das pessoas, a sensibilidade para conhecer o contexto social contemporâneo são motivos profundos que levaram o Primeiro Mestre a amadurecer a ideia da evangelização com a imprensa e que ele confiou às instituições da Família Paulista.

2.2.4. Sendo «homem para os outros», o sacerdote é «homem de relações com todos»: «O sacerdote é enviado como pescador de almas ao mundo. Deve, por isso, viver no mundo: mundo que deve iluminar com a luz do Evangelho, mundo que deve salvar com o sal da graça do seu sagrado ministério. Ele será tanto melhor apóstolo, quanto melhor souber regular as suas relações entre os homens. As suas relações devem ser santas para santificar. [...] Único nosso princípio regulador é este: tudo e só o que exige o zelo prudente e ardente pelas almas.» (ATP, n.º 97)

A seguir, são enumeradas as relações do pároco: entre pároco e vice-pároco, entre pároco e párocos vizinhos, entre pároco e sacerdotes que vivem na paróquia, entre sacerdote e leigos, entre pároco e familiares, entre pároco e pessoas de serviço, entre pároco e autoridades civis, entre pároco e professores, entre pároco e sacristão, entre pároco e enfermos, entre pároco e jardim infantil, entre pároco e hospital.

Interesse especial reveste a descrição das relações entre pároco e famílias: «Um sacerdote-pároco procurará evitar uma vida solitária que se consuma quase toda entre os muros da casa paroquial, afastado, insensível ou no desconhecimento do que se passa na população: perigos, alegrias, dores, etc. O pai e o pastor não se comportam deste modo. O pai pensa sempre nos filhos e o pastor conhece bem as suas ovelhas. São Paulo dizia que chorava com quem chorava, ria-se com quem estava contente: passava de casa em casa a dar avisos e a pregar; os santos sacerdotes eram homens de retiro e de oração, mas ao mesmo tempo de caridade expansiva, de zelo industrioso em íntimas relações com o povo.» (ATP, n.º 128)

O sacerdote deve conhecer o seu povo «se quiser, em suas pregações e avisos no confessionário, poder dizer só e tudo o que é necessário ao povo. Os avisos estereotipados e as pregações feitas à mesa, ou estudadas nos livros, deixam na sua

maior parte as coisas como estão, não respondendo às verdadeiras necessidades e sentimentos dos ouvintes.» (ATP, n.º 130)

A visita do pároco às famílias serve também para «observar que jornais e livros circulam» (ATP, n.º 129) porque: «O sacerdote pode pregar ao povo que ao chegar a casa se encontra com um jornaleco que prega dias a fio e com lenocínio das paixões mais do que ele. A quem aproveita? [...] Estude, examine, tome notas, depois aos poucos mude de jornal ou então ao lado de um mau coloque um que seja bom, etc.» (ATP, n.ºs 130-131)

As relações entre pároco e religiosas devem ser cuidadas de modo especial: «As irmãs são suas auxiliares, quase diria, irmãs do zelo do pároco: que bem enorme não poderão fazer no infantário, no hospital, no lar, nas escolas, no oratório, nas fábricas! Elas são uma ajuda poderosa desde que sejam verdadeiramente formadas na piedade profunda e em virtudes discretas. Este conceito deve determinar as relações entre pároco e religiosas.» (ATP, n.º 134)

Até mesmo com quem está afastado na fé ou é inimigo, o pároco deve manter relações: «*Omnibus debitor sum*: tenho de cuidar de todos, escrevia São Paulo; e queria dizer: a todos devo pregar, por todos devo trabalhar para os ganhar para Deus. Este pode ser o mote de um pastor de almas: salvar a todos, trabalhar e rezar por todos: mesmo que sejam traidores, como Judas ou os crucificadores.» (ATP, n.º 139)

A estratégia do pároco com estas pessoas terá de ser montada «opondo armas a armas», «se se espalha má imprensa, ele trabalhará para divulgar a boa; se houver conferências, ele combatê-las-á com outras.» (ATP, n.º 141)

Descrevendo a missão confiada à Família Paulista, o Primeiro Mestre definiu-a «universal»: com respeito aos homens, aos meios técnicos, aos tempos, ao objeto (cf. UPS, I, n.ºs 372-373). «Sintamo-nos como São Paulo e em São Paulo devedores a todos os homens, ignorantes e cultos, católicos, comunistas,

pagãos, muçulmanos. Amemos a todos. O nosso apostolado é para todos.»²⁷

A preocupação do pároco para entrar em contacto com todos os que fazem parte da paróquia territorial, aplicada à Família Paulista, assume os confins do mundo inteiro e de toda a categoria de pessoas.

2.2.5. Aonde chegar como novo pároco, o sacerdote deve levar consigo uma atitude geral de querer dedicar-se inteiramente ao seu ministério de «salvar as almas», mas para fixar um programa específico «tem de percorrer todos os lugares, pôr-se em contacto com o povo, com visitas às famílias, ter várias conversas com todas as pessoas piedosas influentes, sentir as suas necessidades, ver as misérias espirituais e materiais, o lado débil, etc.» (ATP, n.º 146)

Antes de começar a trabalhar, tem de arranjar uma metodologia: «O pároco deve ser a alma de todo o trabalho paroquial que direta ou indiretamente se referir à cura de almas: deve porém fazer uma équa distribuição de trabalho: deve servir-se com habilidade de quantos podem auxiliá-lo.» (ATP, n.º 148)

Esta metodologia de trabalho exige um pároco no meio do povo: «Para este fim é preciso não se reduzir a uma vida completamente escondida na casa paroquial; é preciso conhecer o povo, gastar tempo mesmo longo para aproximar-se de todos.» (ATP, n.º 152) Retirar-se para uma vida escondida, para um pároco é negar a sua identidade: «Acaso ele não deve viver para se salvar a si salvando os outros?» (ATP, n.º 153)

A dimensão missionária das instituições que formam a Família Paulista está inscrita na sua espiritualidade, que não leva ao isolamento de uma vida retirada mas se projeta para fora: salvar-se salvando os outros com os apostolados.

²⁷ *San Paolo*, março de 1951; cf. *Carissimi in San Paolo*, cit., p. 860; *Vademecum*, ao cuidado de Angelo Colacrai ssp, Cinisello Balsamo, 1992, n.º 1327.

2.2.6. Graças ao “espírito pastoral” de Pio X, a vida cristã começou a voltar à necessidade da integralidade para criar unidade entre as verdades de fé, a vida sacramental e o empenho de testemunho no social. O ministério sacerdotal descrito pelo beato Alberione realiza-se na promoção da vida sacramental (culto), da pregação e da catequese (dogma) e do empenho na ação católica (moral).

2.2.6.1. Culto: confissão. O objetivo único do ministério sacerdotal é promover «a união da alma com Deus. As outras coisas importam assaz como meios, este importa todo como fim.» (ATP, n.º 164; cf. n.ºs 192, 201). Para explicar como ser eficazes nesta tarefa, o beato Alberione recorre à frase de um confessor: «Se Jesus Cristo vive em vós, fá-lo-eis viver nos outros.» (ATP, n.º 165)

Nas indicações dadas pelo beato Alberione, a confissão não se deve limitar à celebração do sacramento, mas o sacramento seja inserido numa atividade pastoral mais ampla que exija «o dever de conhecer a população» (ATP, n.º 168), a capacidade de se adaptar às várias categorias de penitentes, a apresentação de casos particulares e a conduta pessoal do confessor.

Tratando da confissão das pessoas piedosas, o beato Alberione aconselha a «não perder demasiado tempo com elas: nem se pense que se fez tudo depois de se terem passado duas ou três horas a confessá-las. O padre deve olhar para a grande massa da população», evitando o perigo de «ser o pároco de um centésimo da população, ou seja, apenas dos devotos» (ATP, n.ºs 173-174).

Quando confessar as mulheres, o pároco «deverá promover uma piedade que não seja apenas sentimento, mas que leve às virtudes cristãs» (cf. ATP, n.º 174) e saiba «encontrar nelas uma fortíssima ajuda para fazer o bem até àqueles aos quais não pode chegar pessoalmente» (ATP, n.º 175).

2.2.6.2. *Culto: a comunhão.* Valorizando as determinações de Pio X sobre a necessidade da comunhão frequente, o beato Alberione ilustrou várias iniciativas para promover nos fiéis uma mentalidade mais convicta, incluindo o uso da imprensa: «Fazendo de tudo para promover a mais larga difusão de opúsculos e folhetins práticos, simples, penetrantes, atraentes, em incremento do culto eucarístico e especialmente da comunhão.» (ATP, n.º 200)

2.2.6.3. *Culto: funções litúrgicas.* «O sacerdote, como ministro de Deus, deve ter grande cuidado pelo culto externo: porque este dá a Deus uma glória que Lhe é devida, [...] uma vez que a dignidade e a majestade das funções católicas servem para conservar e despertar a fé, fazem conceber os melhores propósitos de vida sã, encorajam e rejuvenescem o espírito cristão.» (ATP, n.º 211)

Tendo em conta que no tempo em que o beato Alberione escrevia a liturgia se exprimia na língua latina, ele preocupava-se «com a cultura litúrgica do povo», recomendando um livro «que contém o texto latino e a seu lado também a tradução italiana de todas as orações e as funções mais comumente celebradas pela Igreja, com breves explicações do significado litúrgico de cada função e rito» (ATP, n.º 213).

E porque também a celebração eucarística era em língua latina, o beato Alberione sugeria algumas iniciativas para que o povo pudesse participar com fé e «para a ouvir deste modo, deve compreender algo da Missa e ser ajudado com algum meio sensível» (ATP, n.º 215) que ele apresenta (cf. ATP, n.ºs 216-219).

Além disso, são lembradas outras funções litúrgicas e atividades conexas: as vésperas, a hora de adoração, as quarenta horas, outras celebrações de adoração eucarística, o mês de maio, a corte a Maria, o terço, festas e solenidades de Maria, pequeno clero, aulas de música, as empregadas do santíssimo,

a união das criancinhas para o acompanhamento do viático, os pajens.

Lendo hoje as considerações acerca do culto e em especial sobre a celebração eucarística e sobre a devoção eucarística do beato Alberione nos ATP, cinquenta anos após o Concílio Vaticano II e a reforma litúrgica que pôs em movimento, pode-se colher a grande diversidade de posicionamentos. Todavia, na preocupação do beato Alberione, para que o povo participe «com compreensão» à celebração eucarística, se convença da necessidade da comunhão frequente e de uma devoção à eucaristia que incida na mudança da vida concreta, aí estão as premissas da promoção do «espírito litúrgico» praticada pela Família Paulista.

Merece uma chamada de atenção especial a obra conseguida pelo Primeiro Mestre com a promoção da liturgia mediante o apostolado da imprensa, em especial através do missal popular que uniam a língua latina e a tradução nas várias línguas; a insistência sobre a hora de adoração transformada em «devoção no apostolado» e a fundação das Irmãs Pias Discípulas do Divino Mestre para os seus apostolados (cf. AD, n.º 74).

2.2.6.4. Dogma: pregação. «Se se der uma olhadela ao Evangelho, aos Atos dos Apóstolos, às cartas, à história eclesial dos primeiros séculos, surge espontânea a pergunta: ora, pois, o padre, o apóstolo, Jesus Cristo são pregadores ou quase nada mais do que pregadores? Que se passa então com tantos sacerdotes que reduzem o seu ministério à Missa, a poucas bênçãos, a pouco estudo, etc. não são verdadeiros padres? Não quero dar uma resposta.» (ATP, n.º 240)

«Todo o sacerdote deve pregar na medida do possível, pois para o sacerdócio em geral a primeira ocupação é a pregação; por isso, alguns, não se ocupando de tal ministério podendo-o fazer, não se podem dizer verdadeiros sacerdotes, no sentido

formal da palavra: porque o que Jesus Cristo ordenou principalmente aos Apóstolos foi a pregação.» (ATP, n.º 240) «Acabe-se com a pregação e acabará o cristianismo, tal como não havendo sementes também não pode haver plantas: *Semen est verbum Dei.*» (ATP, n.º 241)

Apresentando os dotes do pregador, o beato Alberione, após haver falado da missão do sacerdote, disse: «Convém sempre repetir que o padre é para salvar os outros» (ATP, n.º 243), sublinha a necessidade da preparação (cf. ATP, n.ºs 247-249) e diz que a pregação deve ser «moderna e com mais atualidade: ou seja, na forma e mais nas comparações, nos exemplos, nas aplicações: fale de toda a vida do povo, e tenha pensamentos, linguagem, etc.» (ATP, n.º 250).

Para que o sacerdote desempenhe bem o seu ministério de «apóstolo da palavra», deve também cuidar dos conteúdos daquilo que diz: «Pôr diante de si, ao escrever, o auditório: se se tratar de jovens escreva para jovens, se adultos para adultos, se cultos para cultos; escolher-se-ão entre os argumentos, só os exemplos e aplicações mais apropriados para os fins em vista (ATP, n.º 255). Lembremos que os conteúdos serão propostos aos fiéis com as atitudes do corpo, tonalidade de voz, gestualidade e mímica (cf. ATP, n.ºs 256-257), escrevendo-os por extensão antecipadamente e tirando-os da própria experiência (cf. ATP, n.º 258).

Para uma melhor eficácia, a condição ideal seria poder pregar a classes distintas: «Falar a uma determinada classe de pessoas facilita que se digam coisas mais interessantes, mais atraentes, mais úteis.» (ATP, n.º 268) Uma das oportunidades para poder ter um público homogêneo é um curso de exercícios espirituais que, tendo em conta a situação histórica que se vive, deveriam servir não só para alimentar a fé pessoal, mas também para produzir consequências no empenhamento social: «Acerca dos argumentos sociais, será bem notar explicitamente que hoje se devem tratar também nos exercícios espirituais

alguns dos principais desses argumentos. Não chega somente ser bons individualmente.» (ATP, n.º 270).

Entre os meios que o beato Alberione sugeria para tornar possível e duradouro o fruto da pregação era o «servir-se da mulher: instrumento dócil nas mãos do sacerdote e poderoso sobre o coração do homem. [...] Uma mulher santa cria santos, uma mulher má cria desgraçados. [...] Ora bem, o sacerdote faça verdadeiramente devoto e virtuoso o sexo fraco: depois valha-se dele como de um ponto de apoio para influenciar os irmãos, o esposo, os filhos.» (ATP, n.º 274)

Também os livros e os jornais maus podem tirar eficácia à pregação do sacerdote. Por isso «o sacerdote deve ter com eles o máximo cuidado» (ATP, n.º 276) dedicando uma pregação ou uma conferência aos efeitos da imprensa boa ou má, procurando jornais e revistas boas, iniciando uma biblioteca ou tornando-se disponível para ser «correspondente de um jornal local» (cf. ATP, n.ºs 276-277).

Resta ainda o facto de que com a pregação oral se atingem somente os que vão à igreja: «Como tornar a pregação frutuosa mesmo para quem a não vai ouvir? É um grande inconveniente na cura de almas de muitas cidades ter em vista na ação pastoral somente aquele grupo dos já convertidos e não os outros que muito mais precisam. Ora, para estes pode-se rezar, pode-se fazer chegar uma palavra através de pessoas amigas, etc.: mas especialmente pode-se-lhes fazer chegar um bom boletim.» (ATP, n.º 277)

Depois de ter lembrado iniciativas que se servem de livros, jornais e publicações, o beato Alberione propôs também as bibliotecas itinerantes: «Há lugares onde uma sociedade particular chamada Sociedade da Boa Imprensa cuida da difusão de opúsculos, livros e jornais bons. Serve-se de bibliotecas itinerantes e também de assinaturas com descontos para os melhores jornais.» (ATP, n.º 279)

Dando vida à Sociedade São Paulo para completar a «pregação mediante a palavra» com a «pregação mediante a imprensa», o Primeiro Mestre reafirmou o valor indispensável da «pregação» como ato prioritário e Fundador da vida de fé. No apostolado da imprensa o Fundador adaptará à pregação com a imprensa o que diz nos ATP sobre a pregação. Justificando a sua primeira fundação, o beato Alberione chamou São Paulo a terreiro onde este declarou «ter sido enviado a pregar, mas não a batizar». A pregação é a prioridade de um pároco e de um sacerdote escritor.

Além disso, com o semanário *Gazzetta d'Alba*, com a impressão de boletins paroquiais, os folhetos para a liturgia, a iniciativa da Associação Geral das Bibliotecas, quis ser principalmente uma ajuda à pastoral da paróquia e da diocese.

2.2.6.5. *Dogma: catequese*. A catequese é o trabalho «mais delicado, mais útil e mais importante da pregação, [...] porque a criança de hoje é o homem, o cristão e o cidadão de amanhã» (ATP, n.º 281). O beato Alberione tirou estas convicções das disposições de Pio X sobre a catequese e desenvolve-as em referência ao catecismo para crianças (cf. ATP, n.ºs 282-283). Para que a explicação do catecismo seja eficaz para elas, deve unir o objetivo de «instruir» e de «educar»: «O catecismo é o leite do cristão: é necessário dá-lo de modo conveniente às crianças e isto exige que se permita uma boa preparação e se observem as regras mais elementares de pedagogia.» (ATP, n.º 292)

Há ainda subsídios muito válidos para o ensino do catecismo: ilustrações, recolha de imagens ou postais, papéis de parede, projeções que devem servir para melhor se atingir o objetivo: «O catecismo não é, como tantas outras ciências que se aprendem, algo que deva restringir-se apenas à inteligência; mas deve estender-se à vontade, descer ao coração e informar os sentimentos, os desejos, as obras e a vida do homem. [...]

O cristianismo não é somente pensamento: é uma vida; ora a vida resulta do pensamento e da ação.» (ATP, n.º 297)

Porque se trata de uma atividade que não é somente ensinamento teórico, o catecismo precisa de ser realizado num ambiente apto: na escola paroquial e no oratório (cf. ATP, n.ºs 299-307) e com verificações adequadas (cf. ATP, n.ºs 308-311).

O Primeiro Mestre, lembrando a sua atividade no seminário e resumindo a atividade das instituições paulistas fundadas até 1953, declarou: «A obra catequética sempre foi considerada como a primeira e fundamental.» (AD, n.º 81) «O primeiro trabalho saído da nossa tipografia de Alba foi o pequeno catecismo, com as perguntas precedidas de um número correspondente à classe das crianças. Desde então sempre se trabalhou sobre tal direção. O apostolado-edições encontra neste sector uma principalíssima aplicação.»²⁸

Outras iniciativas da Família Paulista importantes na catequese foram: o Centro Catequético Paulista (1952) confiado às Filhas de São Paulo, a produção de documentários catequéticos da São Paulo Film (1952 e 1962) e a atividade das Irmãs de Jesus Bom Pastor nas paróquias.

2.2.6.6. Dogma: piedade popular. «Uma das múltiplas formas em que se manifesta o espírito de piedade é a instituição de variadíssimas companhias religiosas, pios sodalícios e práticas devotas. São como tantos meios para atingir o fim da prática da virtude e salvar a alma.» (ATP, n.º 314)

A piedade popular deve ser guiada pelo pároco para permanecer como meio de aprofundamento das verdades religiosas, estimular a oração e motivar a ação social: «Há sacerdotes tão estáveis na virtude que não sentem muito a

²⁸ *San Paolo*, outubro de 1952; cf. *Carissimi in San Paolo*, cit., p. 839.

ajuda que provém destas devoções: basta-lhes uma profunda consideração sobre as verdades eternas ou uma diligente leitura, por exemplo da *Imitação de Jesus Cristo*. Houvesse assim muitos! Mas todos em geral e o povo em especial sentem a necessidade de certas devoções e ainda um pouco de exterioridade. Em muitos o espírito cristão não entra senão através destes meios: ora, quando os meios são aprovados pela Igreja e contribuem para formar a vida cristã, nós devemos favorecerê-los e inculcá-los, ainda que não lhe sintamos para nós mesmos uma grande utilidade: o povo é mais material e deve ser tomado como é para se guiar até às sublimes elevações do cristianismo.» (ATP, n.ºs 314-315)

São de seguida lembradas (cf. ATP, n.ºs 317-322) as devoções úteis para todos (Eucaristia, Sagrado Coração de Jesus, Virgem Maria, Anjo da Guarda, São José), devoções para classes de pessoas (jovens, homens, etc.), os meios para divulgá-las e as diversas associações ou iniciativas (Terceira Ordem de São Domingos, etc.).

À Família Paulista o Primeiro Mestre deu as devoções da primeira semana de cada mês (cf. AD, n.ºs 179-184): São Paulo (segunda-feira), Almas do Purgatório (terça-feira), São José (quarta-feira), Anjo da Guarda (quinta-feira), Sagrado Coração (sexta-feira), Maria Rainha dos Apóstolos (sábado) e Jesus Mestre Caminho, Verdade e Vida (domingo). Cada devoção tem um fim particular explicado pelo próprio Fundador.²⁹

2.2.6.7. *Moral: ação dos católicos*. Baseando-se na encíclica de Pio X *Il fermo proposito* (de 11 de junho de 1905), o beato Alberione explicou a diferença entre o magistério social de Leão XIII, que queria contrastar com o monopólio do socialismo sobre a classe operária, e de Pio X, que propôs «uma ação imensamente mais vasta: defender e promover na socie-

²⁹ Cf. *San Paolo*, dezembro de 1952, I; *Carissimi in San Paolo*, p. 699.

dade a civilização cristã. Pio X não destruiu, mas guiou e alargou a ação católica e chamou o sacerdote a trabalhar com ela num modo mais ligado ao seu ministério e aos tempos.» (ATP, n.º 324)

A ação católica é o empenhamento social de todos os batizados para a promoção dos valores da civilização cristã na família, sociedade, escola, meio operário e agrícola, nas leis e na política: a ação católica é a ação dos católicos no social (cf. ATP, n.º 324).

Também o sacerdote tem deveres de responsabilidade para promover a ação dos católicos no social; permanecer fora deste âmbito seria «renegar o sacerdócio e a nossa missão de salvar as almas» (ATP, n.º 325). Inspirando-se na encíclica papal, o beato Alberione referiu alguns princípios gerais que devem orientar a ação do sacerdote (cf. ATP, n.ºs 326-331) para apresentar depois as obras concretas do empenhamento social do cristão (cf. ATP, n.ºs 332- 353).

Entre estas temos a descrição da biblioteca itinerante: «A afeição de ler cresce todos os dias e, se não se oferece um alimento sã, muito facilmente muitos hão de recorrer ao venenoso. Por outro lado, um bom livro é um amigo em quem se pode fazer confiança; é até um pregador que se faz sentir nos momentos mais oportunos.» (ATP, n.º 339)

Também a boa propaganda é um empenho para o pároco: «Semear boas ideias para que frutifiquem boas obras, e o trabalho que importa. Ideias religiosas, ideias sociais, ideias de economia, ideias de virtude, ideias de higiene, etc. [...] segundo os lugares e conforme as circunstâncias, em público e em privado. Propaganda pública: com a caneta, escrevendo opúsculos, folhetos, boletins, colaborando e correspondendo com os jornais: conforme as nossas forças. Quando se tiver conhecimento de que uma ideia possa fazer o bem, de que um facto pode fazer parecer interessante um jornal, será útil comunicá-

-los: é um talento que Deus dá: façamo-lo frutificar.» (ATP, n.º 340)

Sintetizando a missão do apostolado da imprensa, o Primeiro Mestre disse: «Dar em primeiro lugar a doutrina que salva. Penetrar tudo com o pensamento e o saber humano com o Evangelho. Não falar somente de religião, mas de tudo falar cristãmente, [...] é assim que também interessa a sociologia, a pedagogia, a geologia, a estatística, a arte, a higiene, a geografia, a história, todo o progresso humano, etc. segundo a razão subordinada pela fé.» (AD, n.ºs 87-88)

«A Família Paulista tem uma larga abertura para todo o mundo, em todo o apostolado: estudos, apostolado, piedade, ação, edições. As edições para todas as categorias de pessoas; todas as questões e os factos julgados à luz do Evangelho; [...] levar ao coração de todos os povos; fazer sentir a presença da Igreja em qualquer problema.» (AD, n.º 65)

2.2.6.8. Vocações religiosas. Para chamar a atenção do pároco sobre o empenho de promoção das vocações religiosas, o beato Alberione argumentava: «Se é obra meritória socorrer as ovelhas, que são as almas, não será menos meritório formar os pastores, que serão os religiosos e os sacerdotes?» (ATP, n.º 354) Os religiosos são chamados à «vida de perfeição» e são os que se dedicam aos outros em obras de caridade e são missionários.

A proposta do beato Alberione é que «todo o sacerdote que pela primeira vez sobe ao altar, todo o religioso que faz profissão, todo o missionário que resolveu partir para terras longínquas, deveriam fazer de tudo [...] para deixar atrás de si pelo menos dois sacerdotes, ou irmãs, ou missionários.» (ATP, n.º 355)

A todas as instituições da Família Paulista o Primeiro Mestre repetiu com insistência que o «problema prioritário são as vocações» porque «as obras de Deus fazem-se com os homens

de Deus». Fundando as Irmãs Apostolinhas, o Fundador deu desenvolvimento especial à sensibilidade pelas vocações, já presente nos ATP.

2.2.6.9. Nos ATP n.ºs 359-360 o beato Alberione dá indicações sobre como organizar as festas. Nos ATP n.ºs 361-372 tratou da construção de igrejas, dando como critérios de idealização e construção que a igreja «deve ser tal que sirva bem o povo... Deve ser artística, [...] entretanto não seja só objeto de admiração, mas lugar que sirva para o povo.» (ATP, n.ºs 366, 368)

Já recordámos que o Primeiro Mestre, referindo-se às igrejas edificadas para a Família Paulista, precisou que «as três igrejas foram construídas segundo os princípios publicados alguns anos antes, nos *Apontamentos de teologia pastoral*» (AD, n.º 77).

2.3. A mulher associada ao zelo sacerdotal. Na Introdução (DA, n.ºs 9-11), o autor resumiu as convicções que desenvolveu no livro. O interesse do beato Alberione pelo argumento tratado iniciou com uma frase de monsenhor Mermillod dirigida às mulheres e raparigas: «Vós deveis ser apóstolas.»

Filho do seu tempo, a visão da mulher ilustrada pelo beato Alberione é em relação ao homem: «A mulher foi criada por Deus para ajuda não só material, mas especialmente para ajuda moral do homem; [...] a mulher pode cooperar com o sacerdote na sua nobre missão.» Neste sentido, o beato Alberione fez sua a missão da mulher do beato Frassinetti: «São chamadas a um quase sacerdócio, a um verdadeiro apostolado.»

O sacerdote tem como missão formar a mulher para poder colaborar com ele com todas as suas potencialidades: «Formar a mulher em toda a sua missão, guiá-la prudentemente, criar nela um apóstolo.»

Em estreita referência ao sacerdote, a mulher foi assim descrita como dotada de um «quase sacerdócio», chamada a «um verdadeiro apóstolado» e portanto é «apóstola».

2.3.1. O beato Alberione fundamentou todo o tratado sobre a identidade do sacerdote: a missão do sacerdote, a “cura de almas” e os destinatários do zelo sacerdotal (cf. DA, n.ºs 14-20) foram explicados largamente nos ATP. Desta premissa derivam duas indicações para o sacerdote: dedicar-se à «cura da alma dos homens» e «formar as mulheres com verdadeiras virtudes».

Observando a vida paroquial do tempo, o autor pensou que as mulheres são as que mais frequentam a igreja e que o sacerdote deve vigiar para não lhes comunicar uma fé que pareça «ridícula», mas formá-las com «virtudes necessárias para qualquer ambiente de vida» (cf. DA, n.ºs 21-22).

Se o sacerdote quer cuidar de todos os homens da paróquia, necessita de se «servir da mulher para chegar ao homem, aplicar a mulher nesta sua suprema missão: santificar o homem» (DA, n.º 23).

De facto o homem é menos religioso do que a mulher: «Sabemos bem que a melhor conquista para nós não é a mulher: é o homem. Este foi o exemplo que nos deu Jesus Cristo, que no Evangelho vemos em geral dirigir-se mais aos homens: é o que quer a natureza da nossa religião que, se se adapta a todos na simplicidade, na sua sublimidade é menos compreendida pela inteligência do homem.» (DA, n.º 25)

Porque na prática há um certo número de sacerdotes com dificuldades em tratar com os homens, «o sacerdote terá por conseguinte mil ocasiões para exercer sobre ela uma influência salutar e servir-se dela em benefício de tantas almas, que nunca o veem» (DA, n.º 26). Até porque a mulher tem grandes potencialidades de realizar o bem ou para fazer o mal: «Ou teremos a mulher connosco para trabalhar pelos homens, ou tê-la-emos contra nós.» (DA, n.º 27)

2.3.2. A identidade social da mulher nos tempos do beato Alberione foi defendida por dois tipos de feminismo: «O feminismo socialista, revolucionário, anticristão, antirreligioso, imoral; o outro pelo contrário é moral, é cristão, é bom numa palavra.» (DA, n.º 29)

Bebendo de Pio X, o beato Alberione sintetizou o objetivo essencial do feminismo socialista na pretensão para a mulher da «igualdade absoluta com todos os direitos e as atribuições do homem» (DA, n.º 30). O feminismo cristão, pelo contrário, deixou a mulher na família e entre os muros domésticos porque «o sexo que é chamado fraco, estando no lugar que lhe compete, torna-se gerador oculto, mas verdadeiro, da fortaleza, da prosperidade, do progresso da nação» (DA, n.º 37). «A mulher de hoje deve formar os homens de hoje; deve socorrer as necessidades do homem de hoje; deve servir-se dos meios de hoje.» (DA, n.º 38) Permanecendo no seu ambiente de família, a mulher pode converter-se numa «ajuda ao sacerdócio e à Igreja na grande obra da salvação das almas» (DA, n.º 40).

2.3.3. Considerando as mulheres no Antigo Testamento, durante o ministério de Jesus e na história da Igreja, podemos aperceber-nos do grande apostolado que desempenharam (cf. DA, n.ºs 42-51); mas é sobretudo a Virgem Maria que resgatou a figura da mulher representada por Eva. O homem e o sacerdote são guias: «A mulher é comparada a um grande rio. [...] Abandonado a si mesmo, faz-se um elemento de destruição; mas se o homem tomar conta dele e o canalizar, então obterá as surpresas das energias elétricas portadoras de luz e de força. O que poderá trazer a energia-mulher sob a guia do sacerdote?» (DA, n.ºs 51-52) «Não é que na Igreja a mulher possa obter uma parte preponderante, docente, governante, não: pois ela sempre teve uma parte subordinada efficacíssima.» (DA, n.º 53)

2.3.4. A mulher é pois uma potência, uma energia a valorizar: «A força da mulher não está na sua inteligência, mas no seu

coração: como também gostava de dizer um autor moderno: na sua fraqueza, no seu espírito, na sua beleza, posta ao serviço do seu coração. No homem o coração é metade do seu ser, na mulher é tudo.» (DA, n.º 54) «A mulher não raciocina sobre o seu ideal, mas intui-o e, fazendo-o seu, ama-o com todo o seu ser e para ele tende com todas as suas forças, e mantém-no apaixonadamente perante o homem.» (DA, n.º 55) «A mulher ainda é poderosa pela sua posição doméstica e social. [...] Ela é-o mais na família do que o homem, como filha, esposa e mãe.» (DA, n.º 57)

2.3.5. Na narrativa da criação da mulher (cf. Gn 2,28) lê-se que Deus «criou a mulher para ajudar o homem» (DA, n.º 61): uma ajuda material na partilha de alegrias e sofrimentos na família e para o levar à eternidade. A vocação da mulher consiste em ser «uma ajuda material e espiritual para o homem»; tantos homens esquecer-se-iam de Deus e das verdades espirituais se não tivessem ao lado deles uma irmã, uma esposa, uma mãe, uma filha (cf. DA, n.º 63). A mulher: «Não se interessa muito pela lógica, mas se se tratar de coisas espirituais intui-las melhor, melhor as aprecia e mais facilmente as aceita.» (DA, n.º 64)

2.3.6. O sacerdote tem por missão «cuidar das almas dos homens»; a mulher, pela sua identidade ligada à família e aos muros domésticos, é aquela que «está ao lado do homem»: a missão da mulher e a missão do clero concordam: «Se esta é a missão da mulher, daí se segue que o sacerdote e a mulher se encontram na mesma vocação, que eles devem trabalhar o mesmo campo. Mas trabalhá-lo desordenadamente, com capricho? Sem alguém que regule e dirija o trabalho? Não: o exército das mulheres deve ter o seu capitão no sacerdote. O sacerdote foi por Deus estabelecido para salvar as almas: e deverá dar contas disso a Ele juntamente com a mulher. Porém, cabe ao sacerdote guiar o seu exército para a vitória: ele estudará

pacientemente o plano: a ele cabe conter os audazes e encorajar os tímidos: a ele cabe chamar as desertoras e pôr na linha as desviadas: a todas dirigir para o combate.» (AD, n.º 65)

Porque se fala de um «exército de mulheres», o sacerdote tem o posto de «capitão»: «Hoje... ao sacerdote e mais especialmente ao pároco compete o dever de valer-se de todos para obter o seu fim: salvar as almas. [...] Entre todos estes meios de salvação e entre estes cooperadores, há um importantíssimo, habilíssimo, eficazíssimo: a mulher.» (DA, n.º 66)

A complementaridade entre homem e mulher é querida tanto pela vida humana como pela vida espiritual: «O homem na ordem física é incompleto sem a mulher: porque ainda que ele tenha a força, falta-lhe a graça na posse da mulher: se ele tem a inteligência, a mulher tem o coração: unidos, estes dois seres completam-se e dão origem a outros homens. Algo análogo da missão sacerdotal e da missão da mulher: o sacerdote ensina, comunica os carismas da graça, santifica a partir do templo: mas a mulher prolonga esta sua divina influência até entre os muros domésticos, a mulher leva o homem ao sacerdote. O sacerdote sem a mulher perderia três quartos da sua influência na sociedade, a mulher perdê-la-ia toda sem ele. Como entre Deus e o homem está o sacerdote, assim entre o sacerdote e o homem está a mulher, anel de junção.» (DA, n.º 66)

O sacerdote deve valorizar a mulher porque as suas potencialidades são um desígnio da Providência: «Esta é a ordem providencial do mundo: não nos cabe mudá-lo; opondo-nos, tornaríamos estéril o nosso nobre ministério; se a ele nos adaptarmos, operaremos com menor fadiga e com um benefício centuplicado.» (DA, n.º 67)

2.3.7. O zelo da mulher considerada como indivíduo. Os vários apostolados aos quais a mulher se pode dedicar são: apostolado da oração, apostolado do exemplo, apostolado da palavra, apostolado das obras (cf. DA, n.ºs 70-117).

Para o apostolado da palavra, o beato Alberione sublinhou: «O sacerdote não se pode fazer ouvir por todos; nem é igualmente compreendido por todos; nem a sua palavra é igualmente lembrada e aplicada por todos na vida prática. Mas o Senhor colocou ao lado do sacerdote, para suprirem à sua força limitada, os melhores dos leigos e especialmente a mulher.» (DA, n.º 90)

Um apostolado de obras que a mulher pode fazer com eficácia é a imprensa: «Porque uma mulher, quando é dotada de cultura, pode escrever. É preciso dizê-lo: há um número bastante grande que se poderia entregar a este nobilíssimo apostolado: mas não o fazem! Será talvez uma repugnância natural que isso impede, será negatividade, será uma exagerada persuasão de incapacidade, será, talvez com mais frequência, pouca estima deste grande meio de bem. Ora bem, considere-se a potência verdadeiramente extraordinária da imprensa: potência que vai mais e mais aumentando e é a causa da crescente avidez de leituras.» (DA, n.º 101)

Além de poder escrever, a mulher pode contribuir «para a divulgação da boa imprensa... para tirar um jornal mau e substituí-lo por um bom, ou pelo menos indiferente»; uma obra que «seria muito mais útil do que uma esmola de pão» (DA, n.º 103).

A promoção da leitura de livros pode ser realizada pela iniciativa de uma biblioteca circulante (cf. DA, n.º 104), mas há muitas mais atividades a valorizar: «E com estas deve ainda ser lembrada outra santa indústria: a de espalhar folhetins contendo sentenças ou ditos de homens grandes pelos caminhos, pelas praças, nos salões de conversas, nos transportes públicos, nos elétricos, nos vagões dos comboios: como ainda a de deixar, fingindo esquecimento, jornais e boa imprensa, onde quer que seja: e outra ainda, a de colar frases nos envelopes, nos pacotes postais, nos muros, nas costas dos bancos públicos do passeio, nos elétricos etc., pequenos cartazes contendo

alguma boa máxima e por fim escrever sobre os muros da sua casa, ao longo das escadarias, etc. alguma boa sentença. Todos aqueles que lerem estas coisas, elevarão o seu pensamento e quem nisto pensou terá grande mérito aos olhos de Deus.» (DA, n.º 105)

O ponto de referência para todos estes apóstolados é o pároco: «O pároco é aquele que tem a verdadeira responsabilidade das almas que lhe são confiadas: a ele espera como direito e dever não só a parte principal, mas também a direção das almas e da ação pastoral a seu cuidado. Ele pode servir-se dos outros e é seu dever valer-se disso em proporção das necessidades do ambiente, da habilidade dos cooperadores, dos fins em vista. Aos outros, e particularmente à mulher, cabe secundar humildemente, a cooperação segundo as forças, o colocar-se totalmente à sua disposição. A mulher em relação ao pároco, nos casos ordinários, deverá ser o que é a mão em relação à cabeça: um membro que executa e serve, faz sentir as suas necessidades e aceita as decisões do seu superior.» (DA, n.ºs 108-109)

2.3.8. O zelo da mulher na família. Porque «a família é o campo de trabalho mais apropriado à mulher» (DA, n.º 118), a sua obra depende da sua condição de mãe, esposa e filha (cf. DA, n.ºs 118-151). Os deveres de uma mãe para com os filhos são: instrução, exemplo, correção e vigilância. Como esposa, a mulher deve «ganhar o coração do marido» desviando o homem do mal (incluída «a leitura de jornais e livros maus»), conduzi-lo ao bem e torná-lo educador. Na condição de filha, a mulher pode semear o bem em casa (procurando também aí jornais bons) e em público (com as suas virtudes, especialmente o pudor).

2.3.9. O zelo da mulher na sociedade. A mulher pode desenvolver um verdadeiro apóstolado na sociedade guiada por alguns princípios claros: «Não se pode limitar à beneficência, nem a

lastimar a má sorte dos trabalhadores: vai mais além a sua obra, isto é, inclui o saneamento moral e religioso da sociedade.» (DA, n.º 153). A mulher deve defender a religião «com a caneta e com a palavra» (DA, n.º 154); o seu apostolado social deve ser um complemento do seu apostolado em família; «não deve exercer a parte dirigente ou docente: isto está reservado aos Pastores e particularmente ao Sumo Pastor da Igreja» (DA, n.º 155); a mulher limite-se «ao poder de formar os costumes, nem queira pretender criar leis» (DA, n.º 156); bata-se não somente pela beneficência, mas pela justiça (cf. DA, n.º 157).

Além de princípios, o beato Alberione ofereceu algumas orações «para a organização» em vista do apostolado social da mulher, entre as quais também uma oração quotidiana a São Paulo, protetor da boa imprensa (cf. DA, n.ºs 164-165).

Passando em resenha as obras de carácter moral-religioso do apostolado social da mulher (cf. DA, n.ºs 168-194), o beato Alberione enumerou o empenho pelo apostolado da imprensa que deve ser feito até indo de casa em casa para oferecer boa imprensa e constituindo uma biblioteca itinerante (cf. DA, n.ºs 193-194).

As obras de carácter social têm como objetivo «formar boas mães» instituindo escolas de economia doméstica, higiene, costura, cozinha; promovendo a cultura das mulheres; ajudando-as a escolher uma profissão; prestando assistência às jovens emigrantes (cf. DA, n.ºs 194-203).

O empenho pelas obras de carácter económico deve saber adaptar-se às numerosas profissões femininas, constituindo associações que saibam defender os interesses da classe operária feminina; procurar assistência social; fazer obras de beneficência; assistir os doentes (cf. DA, n.ºs 203-214).

2.3.10. Como o sacerdote pode formar e dirigir a mulher na sua missão. Como responsável da «cura de almas», o sacerdote deve evitar dois perigos que o levem a ignorar o potencial da mulher.

Em primeiro lugar, o ministério sacerdotal não se deve entreter com um pequeno número de devotas, dando-lhes muito tempo sem deste modo se dar conta de que «se descurou até um pensamento, ou até uma oração pela grande massa da população: perdeu-se tempo porque aquele pequeno rebanho de almas devotas talvez se reduza a uma centena, ao passo que toda a paróquia conta milhares de almas» (DA, n.º 218).

No clero, além disso, «não se está, geralmente, preparados suficientemente para a cura espiritual da mulher» (DA, n.º 223), seja porque não se lhe atribui a devida consideração, seja porque se gosta de contentar e favorecer a espiritualidade adocicada.

O sacerdote deve cultivar para si mesmo uma piedade que o leve a ocupar-se de modo conveniente da mulher apóstola: «Quem tiver uma piedade profunda fará com frequência estas perguntas: Trabalho suficientemente para os outros? Valho-me da mulher segundo a ordem estabelecida pela Divina Providência?» (DA, n.º 226)

Porque toda a formação cultural do sacerdote é «para a salvação das almas» (DA, n.º 227), «uma parte da ciência pastoral que hoje deve ser melhor cultivada é a que diz respeito à direção da mulher. [...] Não é com a obstinação de fechar os olhos que se tiram os males e se promove o bem, mas com o estudar e enfrentar os problemas velhos e novos da cura de almas.» (DA, n.ºs 227-228)

A leitura dos livros não basta para se aprender a «dirigir a mulher»: «Há depois um estudo que não se faz sobre os livros, mas sobre os factos. Talvez seja mais útil, porque a vida que vivemos nós e que é vivida à volta de nós dá lições de tal modo fortes que em nenhum outro lugar se podem ter, desde que escutemos e leiamos.» (AD, n.ºs 231-232)

O sacerdote que se ocupa em formar a mulher pode ser ou demasiado prudente ou demasiado zelante; para encontrar a

solução «convém estudar, rezar, aconselhar-se; a isto chama-se prudência. Convém por fim resolver agir com todas as forças, como se todo o êxito dependesse de nós e esperar o efeito como se tudo dependesse de Deus; e isto é zelo.» (AD, n.ºs 232-233)

2.3.11. Ao sacerdote compete «dirigir a mulher»: «Aqui, a palavra dirigir deve ser entendida no sentido mais vasto: abrange toda a assistência que o sacerdote pode dar em favor do bem religioso, moral e físico da mulher, não só no confessional e no púlpito, mas também fora da igreja e nas relações privadas.» (DA, n.º 239) Todo o trabalho do sacerdote tem em vista «dois fins igualmente nobres e santos: formar a mulher virtuosa para a fazer apóstola. [...] Mas notemos o nexó íntimo que passa entre um e outro destes fins: são de certo modo indivisíveis. Quem for virtuoso, isto é, quem amar o Senhor, necessariamente tem zelo (DA, n.º 239).

A formação espiritual da mulher deve levá-la a agir: «Mas não é o sentimento que tem necessidade de ser desenvolvido na mulher, mas a força viril, que lhe falta.» (DA, n.º 242) Uma piedade vivida com alegria leva a mulher à bondade, a viver o seu tempo e a cooperar com o sacerdote (cf. DA, n.ºs 244-252).

Merecem ser aqui trazidas as argumentações do beato Alberione em que exortou o sacerdote e a mulher a «serem do nosso tempo»: «Estamos no século xx e é pois neste século que temos de viver e agir. Devemos ser deste século, e assim procurar entender as suas necessidades e tentar remediá-las. Isto é fácil, porque Deus nos deu um temperamento e costumes relacionados com o nosso tempo e não com os tempos passados. [...] Hoje vale a organização. Assim sendo, organizemos o bem e os bons; hoje alarga-se o amor à leitura. Assim sendo, favoreçamos boas leituras; hoje fala-se de todos e acerca de tudo. Assim sendo, preparemo-nos e falemos também nós; hoje estimam-se os que fazem algo pelo povo, e cujo nome se tor-

nou o único passaporte para ser admitidos em sociedade. Assim sendo, trabalhemos nós também para esse fim. [...] Sejam do nosso tempo e façamos com que a mulher seja também do nosso tempo. Façamos-lhe compreender que hoje o povo tem sede de verdade e portanto, mais meritória do que a esmola, é a oferta de boa imprensa o que ele deseja.» (DA, n.º 249)

2.3.12. Porque ao pároco espera «a parte mais delicada do trabalho pastoral, ele por ofício deve chamar os vários operários à cooperação; porque ele tem o dever de dirigir com firmeza os seus cooperadores» (DA, n.º 253), deve ser a alma de todo o trabalho pastoral, capaz de suscitar cooperadores, promover o conhecimento da fé com conferências pastorais e saber arrastar os paroquianos por meio da juventude (cf. DA, n.ºs 253-263).

Se na paróquia houver outros sacerdotes, são todos «mais ou menos seus cooperadores. São os braços do pároco e um grande princípio deve informar a sua conduta: estudar o programa e o regulamento do pároco, em relação à cura espiritual da mulher, para secundá-lo no melhor dos modos» (DA, n.º 264), sobretudo do púlpito e no confessionário (cf. DA, n.ºs 266-273).

2.3.13. *A formação da mulher na virtude.* «Tentar formar a mãe: este é o grande princípio na educação espiritual da mulher.» (DA, n.º 274) Como fundamento deve-se pensar no catecismo das crianças e das meninas (cf. DA, n.ºs 275-276), a fim de continuar com a educação da mulher com seriedade, virilidade e amabilidade (cf. DA, n.ºs 277-286). Atenção especial deverá dar o sacerdote à formação da mulher quanto à continência perfeita, ao celibato ou ao matrimónio (cf. DA, n.ºs 287-291).

As virtudes da mulher beneficiam o zelo apostólico mediante a formação feita pelo sacerdote que deve, primeiramente, educar à responsabilidade na família como em âmbito social.

Porque «a mulher devota é especialmente tímida», precisa de adquirir do sacerdote a necessidade da organização, entendida como «sentido social». Para que a aquisição seja eficaz, deve-se usar a indução, contando factos e exemplos, solicitando a mulher a visitar as famílias para se dar conta da sua realidade e servir-se dos resultados de estudos sociais.

Lembrando a experiência de um padre operário (cf. DA, n.º 296) e de um estudioso francês (cf. DA, n.º 297), o beato Alberione convidava a formar a mulher «escutando as experiências da vida» (cf. DA, n.º 297) e fazendo apelo à sensibilidade feminina e ao seu grande coração (cf. DA, n.º 298).

A mulher, além disso, deve ser educada no apreço da nobreza da sua missão: «Cooperar com o sacerdote é uma missão divina; e ensinar a verdade ou ensinar a moral mais santa é a vocação da mulher, que nem encontra nesta terra mais nada que se lhe possa comparar.» (DA, n.º 299)

Perante uma missão tão grande, é necessário formar na mulher a convicção da facilidade da missão: cada mulher não é chamada a fazer tudo, mas a dar o seu contributo particular (cf. DA, n.ºs 300-301).

A educação tem como objetivo preparar a ação: «Nós admiramos as conferências dos sábios; nós aconselhamos livros, revistas, jornais; nós acreditamos que ainda é mais útil a propaganda privada, à base de colóquios. Mas, sem se operar, obteremos sempre frutos escassos; como quem pretendesse criar um bom músico descrevendo-lhe apenas todos os instrumentos musicais.» (DA, n.º 302)

Para formar a mulher para a ação servem dois critérios pedagógicos: ter em conta as aptidões de cada uma e empenhá-las gradualmente em atividades, de tal forma que assim «saíam do círculo estreito do egoísmo; pensarão na missão a que se destinam» (DA, n.º 308).

2.3.14. *A prática do zelo.* Uma vez mais o beato Alberione reafirmou a centralidade do pároco: «É nosso dever estreitíssimo respeitar as instituições da Igreja: ora, como acima se disse, a organização fundamental e central é e deve ser a paróquia, e o pároco é e deve ser a alma de toda a ação pastoral.» (DA, n.º 311)

O pároco, arranjando o tempo necessário, deve formular em favor da sua ação pastoral «um programa bem definido e preciso», estudando as necessidades do povo, servindo-se das visitas ao domicílio, dos colóquios e da investigação (cf. DA, n.ºs 311-315). Uma vez que conhece as necessidades, deve medir as suas forças e pedir ajuda aos seus cooperadores, entre os quais especialmente tem a mulher (cf. DA, n.º 316).

Tendo conhecimento das necessidades do seu ministério e depois de descobertas as forças de que pode dispor, é bom sinal que o pároco se sirva de quanto já existe com criatividade e saiba distribuir com atenção o trabalho para que toda a necessidade seja tida em conta.

Utilizando aquilo que existe, o pároco proponha-se «alargar segundo as necessidades de hoje os fins das associações antigas». «Hoje seria ridículo obstinar-se no uso de sistemas primitivos de navegação, de impressão, de tática militar, etc. A religião, os dogmas, a moral cristã são substancialmente imutáveis, mas progride o nosso modo de os conhecer e de os aplicar. A Igreja católica é indefetível e da palavra do Evangelho não cairá sequer um ápice; mas a Igreja e o Evangelho possuem também uma admirável facilidade de adaptação aos tempos e aos homens. [...] O mesmo se dirá ainda mais das companhias, associações e congregações religiosas.» (DA, n.ºs 318-319)

No dever de «unificar o trabalho pastoral» e de ele ser «a alma», o pároco investe muito tempo e energias, mas tem de ser vigilante para não descurar «o alimento da sua mente e para a sua piedade. Se vier a faltar o necessário alimento da mente, ele começará a ser um homem do passado, mesquinho;

o seu juízo não mais amadurecerá por não ser premeditado, mas arrastado; a sua ação será dominadora em vez de ser emanadora como uma bela obra de liberdade. Se faltar o alimento ao espírito, começará a ser árido, privado da efusão de Deus e do perfume da piedade sacerdotal.» (DA, n.º 330)

Ao tratar da presença das religiosas na paróquia, o beato Alberione delas dizia que «parece na verdade que são como sucessoras das diaconisas dos primeiros séculos» porque «os seus fins se alargam segundo as necessidades hodiernas. Com muita propriedade se podem chamar irmãs do zelo sacerdotal.» (DA, n.ºs 330-331)

As religiosas prestam socorro a todas as necessidades e entram em todo o lado: «Ao lado do sacerdote pode-se ver a religiosa.» (DA, n.º 331) O pároco tem com efeito o dever de promover as vocações para a vida religiosa feminina, um estado de vida cristã no qual se quer atingir a perfeição evangélica para transformar o mundo: «O zelo que as inflama fá-las-á apóstolas, e são uma das glórias mais fulgurantes do cristianismo.» (DA, n.º 332)

Outro dever delicado do pároco em relação às religiosas que se encontram na sua paróquia é a animação espiritual, que deve ser feita no respeito das regras das congregações para não «fazer das religiosas almas simplesmente piedosas, comuns, [...] inferiores ao simples e piedoso beatério» (DA, n.º 334).

O seu envolvimento na «cura de almas» da paróquia será feito no respeito do carisma de cada instituto que contribui para o bem comum. Depois, quanto aos juízos que se ouvem acerca dos defeitos das religiosas, o beato Alberione prefere sublinhar o contributo positivo que elas podem dar à paróquia: «Convém não ter ilusões: há obras que exigem um espírito de piedade robusta, outras que exigem paciência e sacrifício, outras que pedem desinteresse: ordinariamente nem há religiosas com capacidade de as realizar.» (DA, n.º 338)

Em conclusão do livro, o autor, talvez um bocadinho preocupado com alguma afirmação precedente, confidenciou: «O apostolado da imprensa e o apostolado da palavra têm o mesmo fim: fazer o bem. Sob os olhos de Deus, parece-me ter tido, essencialmente, tal entendimento.» (DA, n.º 338)

3. SÍNTESE DOS CONTEÚDOS NOS ATP E NA DA

3.1. A análise dos dois textos permite resumir as afirmações principais do beato Alberione sobre o sacerdote, a cura das almas na paróquia e a mulher associada ao zelo sacerdotal.

3.1.1. O sacerdote é o homem para os outros que se santifica santificando as almas a ele confiadas, porque a sua identidade é ser apóstolo. A sua espiritualidade e as várias práticas de piedade são por ele vividas para poder desenvolver com fruto o seu ministério. Com a sua vida espiritual amadurecem nele as virtudes indispensáveis à pastoral: obediência, castidade, humildade e caridade. Também o estudo e a administração dos bens têm como objetivo a preparação adequada para o ministério no meio do povo.

3.1.2. O sacerdote-pároco tem a responsabilidade de todos os habitantes da paróquia. Ele não pode limitar a sua ação a quantos vão já à igreja, mas deve dirigir-se a todos os habitantes da paróquia. O pároco é um homem de relações que não se fecha em casa, mas vive em estreito contacto com o povo, porque desta imersão retira indicações para exercer o seu ministério a fim de responder às reais expectativas das pessoas. No meio do povo, o pároco dá-se conta de como são os homens de hoje, porque são estes os que ele é chamado a salvar.

3.1.3. Porque a sua missão é levar as pessoas a viver um cristianismo que seja um estilo de vida e não apenas uma ver-

dade para acreditar em abstrato, cerimónias em que participar na igreja, valores éticos vividos sem motivações, o pároco deve cultivar uma vida de fé integral em que todos os aspetos estejam em estreita referência entre si: verdades de fé (dogma), vida litúrgica (culto) e empenho social com valores cristãos (moral).

3.1.4. Todo o empenho do pároco pela apresentação da integralidade do cristianismo como estilo de vida acolhido e vivido com plena personalidade (mente, vontade e coração), na família e nos ambientes de trabalho, pode ser danificado por livros, jornais e publicações que o povo lê cada vez mais e que muitas vezes “pregam” valores não cristãos. Para oferecer uma alternativa que se consiga opor validamente com os mesmos meios, o pároco é convidado a promover na paróquia a boa imprensa, uma biblioteca itinerante com livros bons, boletins locais, jornais com valores cristãos. A pregação com a palavra deve ser apoiada e completada com a pregação da boa imprensa (cf. ATP, n.ºs 90-91; 200; 275-279; 339-343).

3.1.5. Porque o pároco é o único centro animador, o último responsável e a mente de toda a atividade pastoral realizada numa paróquia, tem um encargo muito gravoso e amplo; por isso ele tem a responsabilidade de elaborar, já que está naquele lugar e após um período de observação, diálogos, encontros e relações com todos os paroquianos, um programa (cf. ATP, n.ºs 57-59) de atividades bem preciso sabendo envolver todos os que o puderem ajudar, em especial a mulher (cf. ATP, n.ºs 274-275; 343-344). Todos e tudo dependem da coordenação e da distribuição dos encargos confiados ao pároco.

3.2. Na DA o beato Alberione desenvolveu ideias sobre a mulher e sobre a religiosa que já se encontram no seu primeiro livro (cf. ATP, n.ºs 134-135; 174-175; 274-275; 337; 350; 354-358), apresentando nele todas as potencialidades naturais e espirituais em relação ao sacerdote.

3.2.1. O fundamento da colaboração da mulher é a identidade do sacerdote como homem dos outros, todo virado para a sua santificação santificando os outros, servindo-se também da ajuda indispensável da mulher. O sacerdote deve ter cura de todas as pessoas da paróquia, mas geralmente das mais praticantes que são as mulheres. Para chegar também aos homens o sacerdote precisa da mulher.

3.2.2. O Livro do Génesis apresenta a criação da mulher como auxiliar do homem e num plano espiritual a missão da mulher é a mesma: a mulher pode levar o homem à fé e torná-lo melhor. Para melhor atingir este objetivo, não se pode aceitar o programa do feminismo ateu que queria a mulher «igual com todos os direitos ao homem», mas é necessário assumir os valores do feminismo católico que defende a mulher para a família (filha, irmã, esposa, mãe) e em plena atividade dentro dos muros domésticos.

3.2.3. Para obter maior eficácia no seu ministério em relação aos homens, o pároco faz-se auxiliar pela mulher na família e em casa, convencido de que deste modo a mulher é um quase sacerdote, uma diaconisa dos tempos modernos. O sacerdote não pode ignorar o valor da mulher como se apresenta no Antigo e no Novo Testamento, na Igreja primitiva e na história da igreja, e a obra indispensável das irmãs nas paróquias.

3.2.4. Vasto é o campo dos apostolados que a mulher pode desenvolver como indivíduo, na família e na sociedade; o apostolado da imprensa é uma das atividades em que pode ser valorizada (cf. DA, n.ºs 101-105; 193-194).

3.2.5. Para fazer convergir no bem as potencialidades da mulher, o sacerdote e em especial o pároco, no seu papel de responsáveis últimos da pastoral, devem adquirir uma formação especial, porque a mulher tem um potencial de ação que pode

ser valorizado para o mal ou para o bem. A espiritualidade e as práticas de piedade, a formação cultural e pastoral oferecem os instrumentos necessários para o pároco poder formar e dirigir a mulher como apóstola.

3.2.6. Para formar a mulher como mãe também no apostolado, é necessário educá-la nas virtudes cristãs que estimulam não a fuga para o sentimentalismo mas o sentido social e o zelo pelas obras em favor dos outros. O pároco usará de prudência ao ter em conta as aptidões de cada uma e ao escolhê-las gradualmente para a ação, sabendo valorizar as iniciativas que já existem e distribuindo o trabalho com atenção. Vendo todo o bem que fazem na paróquia e na missão, as religiosas devem considerar-se as diaconisas de hoje.

4. ECLESIOLOGIA E PASTORAL PRESENTES NOS ATP E NA DA

4.1. As modificações sugeridas pelo beato Alberione ao cônego Giuseppe Pistoni para a edição atualizada de ATP publicada em 1960, as indicações fornecidas a partir da oitava edição da DA (1937) por integrações e mudanças e a admissão, por parte do mesmo autor que, referindo-se à DA, reconhece que «o pobre livro foi escrito em 1912 e que refletia o seu tempo», são uma razão a mais para verificar os conteúdos das duas obras tendo em conta o contexto histórico, sobretudo eclesial, dos primeiros anos de 1900.

A reforma atuada por Pio X na catequese, na liturgia e no empenho social constitui o fundamento no qual o beato Alberione elabora o perfil do sacerdote, descreve a cura pastoral e o papel dos leigos, sobretudo da mulher ao lado do sacerdote.

A obra reformadora de Pio X, no seu conjunto, encontrou uma certa resistência até numa parte do clero, por mudar hábi-

tos consolidados: as verdades da fé formuladas mais com afirmações teológicas do que fundadas sobre a Sagrada Escritura; um culto litúrgico em latim que só os sacerdotes entendiam; um empenho ético dos leigos entendido como ato individual pela observância geral dos mandamentos. O beato Alberione, graças também ao seu encargo de docente no seminário que o leva a ler livros e revistas especializadas, colhe a novidade das intervenções papais, sobretudo pelo ministério pastoral.

Observando as reformas de Pio X a cinquenta anos do Concílio Vaticano II, o que então aos espíritos mais sensíveis parecia uma novidade para a vida cristã, hoje não pode esconder as suas limitações. Todavia, aceita-se que perante o progressivo afastamento das massas da igreja, o beato Alberione colheu em Pio X a vontade de relançar a fé na sua integralidade, não somente para o indivíduo mas para toda a sociedade: «Restaurar tudo em Cristo», fazendo renascer a «civilização cristã».

A Igreja que aparece nos dois livros do beato Alberione é fruto da atividade pastoral da hierarquia, do Papa, dos bispos e dos sacerdotes em favor dos batizados: o sujeito ativo é a hierarquia, o conjunto dos crentes é o objeto das curas pastorais.

Trata-se de uma eclesiologia que estabelece uma relação de «diferença essencial» entre os «pastores» e a «grei», não somente na prática do ministério pastoral, mas por força de uma justificação teológica: «A Igreja é por essência uma sociedade desigual, porque integra duas categorias de pessoas, os pastores e a grei, os que ocupam um encargo pelos diferentes graus da hierarquia e a multidão dos fiéis; e estas categorias são totalmente distintas entre si que, somente no corpo pastoral, residem o direito e a autoridade necessários para promover e dirigir os membros para o fim da sociedade. Quanto à multidão, tem apenas o dever de se deixar conduzir e, como grei dócil, seguir os seus pastores.»³⁰

³⁰ Pio X, Carta Encíclica *Vehementer nos*, 11 de fevereiro de 1906.

Deste modo, o único agente ativo na vida da Igreja, por força dos graus da ordem sagrada, é o clero, ao qual se confia na sua totalidade a atividade pastoral; somente o sacerdote detém a responsabilidade da cura das almas. Estamos pois em presença de uma Igreja fortemente hierarquizada, na qual o clero possui saber e poder para guiar o povo. Há um clero «docente» e o povo que deve somente aprender, «discente», por isso a multidão habituou-se a receber sem colaborar.

4.2. Tanto os ATP como a DA têm na base esta eclesiologia que fundamenta toda a atividade pastoral no ministério sacerdotal, sobretudo no encargo que tem um pároco, na missão exclusiva de se dedicar à «cura das almas»: ocupar-se a tempo pleno da salvação espiritual de cada pessoa e de todos os homens.

Se a nível teórico o beato Alberione não constitui uma exceção acerca das ideias eclesiológicas magisteriais, a observação da realidade social e eclesial em movimento, permitiu-lhe descobrir uma mentalidade e escolhas operativas que superam as estreitas definições eclesiológicas. O autor, apresentando o sacerdote como um apóstolo que está no meio do povo e a mulher associada ao seu ministério como uma apóstola que tem um papel que somente ela pode desempenhar com adequação, deixou transparecer uma sensibilidade à procura e aberta à inovação na pastoral.

Se o sacerdote quer ser «o homem para os outros» é aconselhado a ser «um pároco que não se esconda dentro de sua residência paroquial, que não se reduza a dar à direita e à esquerda, saindo dos formalismos aristocráticos de um barrete clerical ou dos cumprimentos comedidos e compassados. Um pároco que seja hospitaleiro, afável, doce, tem frequentes ocasiões para falar com os seus paroquianos.» (DA, n.º 315)

Ele é chamado a «viver, numa palavra, a vida do povo; não pretenda fazer de aristocrático, nem de seco, todo sossego e

majestade, para ser venerado como um semideus. Deve-se, isso sim, ser semideus de bondade, de caridade, de afabilidade e seremos como tais venerados e amados, seremos os confidentes de todos, seremos procurados por todos» (ATP, n.º 134).

Algumas afirmações do beato Alberione sobre a identidade feminina a nível antropológico e eclesial não diferem em nada de uma visão «machista» que considera a mulher como «ajuda material e espiritual do homem», «toda coração e menos razão», confinada dentro dos muros domésticos no papel de filha, irmã, esposa e mãe; proibida de aspirar à igualdade absoluta com todos os direitos e as atribuições do homem; incapaz de se governar sozinha; que não pode pretender na Igreja uma parte preponderante, docente e governante; que deve ser educada ao pudor para salvaguardar o homem dos perigos, confiada ao pároco e ao sacerdote para ser formada nas virtudes que produzem zelo, etc.

Ao mesmo tempo, todavia, ele fala da «potência da mulher», da sua força como «um grande rio» que deve ser canalizado, rica de «preciosíssimas energias que se bem orientadas operam maravilhas que o homem não conseguiria», com um poder de influência sobre o homem que não pode como é evidente ter o sacerdote, chamada a um «quase sacerdócio», «diaconisa de hoje», «apóstola», etc.

Com as categorias teológicas do seu tempo, o beato Alberione valorizou todos os cooperadores do pároco no ministério pastoral, de modo especial a mulher, porque «associados» com as suas obras ao sacerdote: unidos ao sacerdote apóstolo, eles tornam-se «quase sacerdotes», apóstolos e apóstolas segundo a sua condição.

4.3. A pastoral que deriva de uma eclesiologia hierárquica centrada no sacerdócio ministerial realiza-se pela “cura de almas”, dando a prioridade, por vezes exclusiva, à vida sacramental dos fiéis, preocupados apenas com a vida na terra que

não seja obstáculo à observância dos mandamentos, e confiando-se em tudo ao clero.

Para o beato Alberione o ministério pastoral do pároco, completado com a ajuda que uma mulher lhe poderá oferecer, promove um cristianismo que não é um conjunto de noções, nem de cerimónias e de ética individual, mas um verdadeiro "estilo de vida" integral que envolve o coração, a mente e a vontade do indivíduo ao participar nos sacramentos e nas funções religiosas compreendendo o que se celebra, no conhecimento das verdades de fé com a pregação e o catecismo, no empenhamento unido com os outros na vida social para testemunhar os valores cristãos em tudo.

5. ECLESIOLOGIA E PASTORAL DOS ATP E DA DA APLICADAS À FAMÍLIA PAULISTA

5.1. Em abril de 1960, declarando consumada a missão recebida de Deus como Fundador, o Primeiro Mestre descreveu o conjunto da Família Paulista como «a parte diretriz» das várias atividades pastorais da paróquia paulista (cf. UPS I, n.º 381), onde «as várias instituições terão alimento e vitalidade da Sociedade São Paulo. Quanto mais esta for fervorosa, mais o serão também as outras partes.» (UPS, I, n.º 382)

Terminada a lista das instituições da Família Paulista, afirmou: «Com estas organizações, que têm carácter internacional e com os seus apostolados, a Sociedade São Paulo pode estender as suas riquezas a todos e dar ao mundo Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida. O calor e a luz vitais devem descer dos sacerdotes paulistas, que aqui têm um grande e delicado ministério.» (UPS, I, n.º 20)

A oração de Cristo pela unidade deve-se «aplicar não apenas a um instituto, mas seja vivida em toda a imensa paróquia paulista, que como limites só tem os confins do mundo, e por

grei tanto os que estão já no redil como os que se querem trazer para o redil» (UPS, I, n.º 382).

«A Sociedade São Paulo e as outras partes da Família Paulista, cada uma tem governo e administração próprios; mas a Sociedade São Paulo é "altriz" em relação às outras.» (UPS, I, n.º 376) «A Sociedade São Paulo, que é como a Mãe dos outros institutos, deve dar-lhes o espírito paulista ao realizar o seu apostolado em conformidade com o segundo artigo das Constituições.» (UPS, I, n.º 19)

O Primeiro Mestre confia à Sociedade São Paulo, «que é como a Mãe dos outros institutos», uma função de "altriz" para lhes «dar o espírito paulista», sobretudo através da obra dos sacerdotes paulistas, dos quais deve «descer o calor e a luz vitais».

O sacerdócio ministerial paulista, querido pelo Fundador como o fundamento sobre o qual se enxerta a Família Paulista, deve entender-se segundo o significado que foi explicado nos ATP e na DA, permitindo assim ao discípulo paulista (cf. AD, n.ºs 40-41), às irmãs, aos membros dos institutos paulistas agregados e à Associação dos Cooperadores exercer com o apostolado um «quase sacerdócio», de ser «diaconisas», «apóstolos e apóstolas».

Explicando a missão das Filhas de São Paulo, o Fundador, depois de ter lembrado: «A vossa missão está ligada à obra do sacerdote», exclama: «O que é que vós sois? Estou a gostar de vos chamar diaconisas, gostaria de vos dizer sacerdotisas, no mesmo modo com que se fala de Nossa Senhora.»³¹

Não se trata de um projeto de «clericalização» da Família Paulista e, menos ainda, de mitizar a figura do "sacerdote" em relação a todos os outros estados de vida; se se tem em conta a eclesiologia e a pastoral do tempo, pensadas e vividas como

³¹ *Alle Figlie di San Paolo*, 1955, FSP-Casa Generalizia, Roma, 2010, p. 73.

«propriedade reservada e exclusiva» da hierarquia, pode-se apreciar o projeto do Primeiro Mestre pela sua novidade.

Entendida com as devidas precauções, a verdadeira novidade do Primeiro Mestre em campo eclesiológico e pastoral é ter valorizado todos os estados de vida em que se pode viver e testemunhar a fé, enxertando-os no ministério pastoral do sacerdote; a teologia em que fora o beato Alberione formado nem de longe imaginava a redescoberta feita pelo Concílio Vaticano II acerca do «sacerdócio comum dos fiéis» enxertado no batismo, e não no «sacerdócio ordenado».

5.2. Observando algumas mudanças eclesiais que se deram após o aparecimento dos ATP e da DA, encontramos, primeiramente, a publicação do *Código de Direito Canónico* (1917) que, de um ponto de vista eclesiológico, confirma a função da hierarquia como responsável da atividade pastoral, ao passo que um leigo é definido em relação ao seu «não ser um clérigo» (cânone 948).

Para apoio da criação da JOC (ver acima, 0.3), Pio XI afirmou que «a ação católica dos leigos é complementar com a do clero» e que «a ação católica é a participação do laicado católico no apostolado hierárquico»³². Na Encíclica *Quadragesimo anno* (15 de maio de 1931), o Papa escreveu: «Os apóstolos mais convenientes para os operários serão os operários; os apóstolos do mundo industrial e comercial serão os industriais e os comerciantes.» O laicado promovido por Pio XI deve formar «uma falange armada» e combater uma «santa cruzada» contra os inimigos da fé. O Papa convida o clero a apoiar a obra do laicado porque «a ação católica é participação no apostolado da hierarquia».

Pio XII, falando do laicado católico, escreve: «Os leigos devem ter uma consciência cada vez mais clara de não só

³² Pio XI, *Discurso*, 19 de abril de 1931.

pertencerem à Igreja, mas de serem Igreja, [...] eles são a Igreja.»³³ E falando no congresso mundial do apostolado dos leigos (1951), precisa: «É supérfluo lembrar que o apostolado dos leigos é subordinado à hierarquia eclesiástica. [...] A ação católica é um instrumento nas mãos da hierarquia e deve considerar-se como o prolongamento do seu braço.»

Também a identidade do sacerdote é argumento que o magistério universal enfrenta nos documentos papais. Pio XI, na Encíclica *Ad Catholici Sacerdotii* (20 de dezembro de 1935), define o sacerdote como «mediador entre Deus e os homens» e esta categoria influenciará uma formação seminarística, que propõe ao futuro presbítero ser um "*Alter Christus*" com o contínuo esforço de imitação de Cristo. Pio XII, na Encíclica *Mystici corporis* (29 de junho de 1943), reserva de modo exclusivo à hierarquia a tríplice função sacerdotal, profética e régia.

Até ao Concílio Vaticano II (1962-1965), a eclesiologia e a pastoral, embora com evoluções significativas, continuam a apresentar a hierarquia e o sacerdócio como os verdadeiros responsáveis de toda a atividade pastoral, ainda que a colaboração dos leigos no apostolado tome cada vez mais consciência do seu específico. O Primeiro Mestre, atento aos documentos e aos discursos dos Papas da época, encontrou confirmações de quanto já escrito nos ATP e na DA e serviu-se delas na animação da Família Paulista sem mudanças substanciais.

³³ Pio XII, *Discurso*, 20 de fevereiro de 1946.

6. ECLESIOLOGIA E PASTORAL SEGUNDO O CONCÍLIO VATICANO II

6.1. As quatro Constituições³⁴ do Vaticano II são dedicadas à liturgia (*Sacrosanctum Concilium*), à Palavra de Deus (*Dei Verbum*), à missão no mundo de hoje (*Gaudium et spes*) e à identidade da Igreja (*Lumen gentium*) e formam a base sobre que se apoiam os nove decretos e as três declarações que tratam temas específicos.

A definição da Igreja como «obra trinitária», «mistério» e «sacramento», que se resume na fórmula «Povo de Deus», oferecem uma imagem diferente das formulações eclesiológicas precedentes: «sociedade perfeita, desigual e hierárquica», «corpo místico de Cristo».

A Igreja não se compõe apenas do sacerdócio ministerial e hierárquico, mas também do sacerdócio batismal dos membros do povo de Deus, sendo também a «comunhão dos batizados», imagem da «comunhão trinitária» na história. A característica «batismal» da eclesiologia do Vaticano II permite atribuir a todos os batizados a tríplice função sacerdotal, profética e régia (*Christianus alter Christus*) e colocar o sacerdócio ministerial nem acima nem abaixo nem no meio, mas dentro do povo de Deus como um «ministério» específico oferecido à comunidade, ao qual ainda se juntam os vários carismas e missões recebidos por outros batizados.

O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial hierárquico, na sua diversidade específica, «são ordenados um para o outro, porque um e outro, e cada um à sua maneira, participam do único sacerdócio de Cristo» (*Lumen gentium*, n.º 10).

³⁴ Data de aprovação: *Sacrosanctum Concilium*, 4 de dezembro de 1963; *Dei Verbum*, 18 de novembro de 1965; *Gaudium et spes*, 7 de dezembro de 1965; *Lumen gentium*, 21 de novembro de 1964.

A Igreja, imagem da Trindade guiada pelo Espírito, continua no tempo a missão de Cristo enviado pelo Pai: a Igreja existe para evangelizar. A dimensão missionária da Igreja é a sua íntima essência, a sua razão de ser confiada a todos os batizados, sujeitos ativos em todas as dimensões da fé, incluindo o empenho da transformação social com os valores evangélicos.

Todo o batizado é discípulo para ser apóstolo de Cristo segundo o dom recebido, vivendo e testemunhando uma fé integral: fundado sobre a Palavra de Deus contida na Sagrada Escritura, alimentado pelos sacramentos e empenhado juntamente com os outros a injetar em cada realidade humana o espírito do Evangelho.

O beato João XXIII fixara o objetivo geral do Concílio: «É necessário que a Igreja não se afaste do sacro património da verdade, recebido dos pais; e ao mesmo tempo deve também olhar para o presente, para as novas condições e formas de vida introduzidas no mundo moderno, que abriram caminhos novos ao apostolado católico.» A Igreja para ser missionária de modo eficaz deve saber ler os sinais dos tempos que certamente incidem sobre a atividade pastoral: «Uma é a substância da fé, ou seja a verdade, [...] e outra é a formulação do seu revestimento e é deste que se deve ter em grande conta.»³⁵

Entre os sinais dos tempos mais relevantes, o Decreto *Inter mirifica* (4 de dezembro de 1963) põe os instrumentos da comunicação social: «A Igreja [...] considera ser seu dever servir-se também dos instrumentos da comunicação social para pregar o anúncio da salvação e ensinar aos homens o reto uso desses instrumentos.» (N.º 3)

6.2. O Primeiro Mestre foi convidado a participar como Padre com voto deliberativo no Concílio. Os seus contributos, intervenções e apontamentos foram reunidos com diligência

³⁵ JOÃO XXIII, *Discurso de abertura do Concílio Ecuménico Vaticano II*, 11 de outubro de 1962.

pelo padre Andrea Damino no volume *O beato Alberione no Concílio Vaticano II*³⁶. Seria muito útil também recolher todas as intervenções que desde o anúncio do Concílio e, em especial durante a sua celebração e após a sua conclusão, o Primeiro Mestre partilhou com os membros de todas as suas fundações.

Quero chamar a vossa atenção, principalmente, para dois escritos seus, muito semelhantes, para comentar o Decreto *Inter mirifica* em referência ao apostolado paulista: «O nosso apostolado, aprovado, louvado e estabelecido como dever para toda a Igreja, [...] imprensa, cinema, rádio, televisão e similares. [...] A atividade paulista foi declarada apostolado, igual à pregação, e rodeada de alta estima perante a Igreja e o mundo.»³⁷

Às Irmãs de Jesus Bom Pastor várias vezes explicou que: «Todo o Concílio foi orientado para a pastoral»³⁸ e resumiu-lhes vários documentos conciliares em «chave pastoral»³⁹.

Em razão de o Fundador ter visto e interpretado o Vaticano II como um Concílio todo «pastoral», sem pronunciamentos oficiais sobre a doutrina, viveu esse acontecimento eclesial com uma grande alegria que comunicou a seus filhos e filhas espirituais, porque viu confirmadas e valorizadas as suas fundações, todas pensadas e estruturadas «para a pastoral».

A convicção de «ter precedido o Concílio» era difusa também entre os Paulistas e as irmãs da Família Paulista, chegando-se até a afirmações como esta: «Nós não precisamos de nos atualizar, porque há muito tempo fazemos o que agora parece uma novidade. Outros, sim, devem atualizar-se, mas nós, não!» Tal euforia, talvez, fez colher somente uma parte do Concílio, minimizando-lhe ou ignorando-lhe as profundas mudan-

³⁶ ANDREA DAMINO ssp, *Don Alberione al Concilio Vaticano II*, Archivio Storico Generale FP, Roma, 1994.

³⁷ San Paolo, dezembro de 1963; cf. *Carissimi in San Paolo*, cit., p. 323.

³⁸ *Alle Suore di Gesù Buon Pastore*, 1964, cit., n.º 340.

³⁹ Cf. *Alle Suore di Gesù Buon Pastore*, 1966-1967-1968, cit., n.ºs 44-61.

ças, sobretudo a nível teológico. O Capítulo-geral especial de 1969-1971 empenhará a congregação numa reflexão mais equilibrada para integrar o carisma paulista na totalidade do Vaticano II.⁴⁰

7. ATUALIZAÇÃO DA ECLESIOLOGIA E DA PASTORAL DO CARISMA PAULISTA

7.1. Valendo-nos da profundidade dos textos do Concílio Vaticano II, dos cinquenta anos de magistério universal pós-conciliar pela sua aplicação e interpretação, da abundância de reflexões dos sínodos em concomitância com o ano 2000, da mobilização da comunidade eclesial por uma nova evangelização, das mudanças na sociedade, na cultura, na comunicação e aos quase cem anos do nascimento da nossa congregação, temos o dever de «pensar» conjuntamente o carisma paulista, descortinando os «elementos imutáveis» herdados do Primeiro Mestre e elaborando-os com uma nova formulação em base às elaborações teológicas de eclesiologia e de pastoral do Vaticano II.

7.1.1. Tendo em conta os conteúdos dos ATP e da DA, a aplicação que destes fez o Primeiro Mestre à Família Paulista e as afirmações do Concílio Vaticano II, podemos pôr como fundamento de todo o carisma paulista a conformação com o convite de Cristo: «*Venite ad me omnes*» (Mt 11,28) e como objetivo apostólico o programa de São Paulo: «Tornei-me tudo para todos.» (1COR 9,22) A característica essencial da eclesiologia e da pastoral paulista é ser «missionária»: partilhar com todos a experiência da fé em Cristo morto e ressuscitado. A exclamação de São Paulo: «Ai de mim se não evangelizar!» (1COR 9,16) é a

⁴⁰ Cf. *Documenti Capitolari*, Capitolo Generale Speciale 1969-1971, Casa Generalizia SSP, Roma, 1972 e Alba, 1982.

força que desponta da experiência verdadeira do encontro com Cristo; a formação progressiva de Cristo em nós (cf. Gl 4,19) é uma imitação de Cristo «enviado pelo Pai».

7.1.2. O pároco dos ATP e da DA tem como missão ser «o homem para os outros»; o apóstolo e a apóstola paulistas são exortados a ser como uma «concha» que se enche de Cristo para de seguida O derramar sobre os outros; o batizado descrito pelo Concílio é uma testemunha: a santificação não é «solitária» mas «social», e «solidária» da salvação do próximo. É um dever santificar-nos para santificar os outros; o amor a Deus verificado no amor ao próximo; a contemplação verdadeira leva à ação; ser discípulo para ser apóstolo; permanecer com Deus não para escapar mas para voltar para o meio do povo, não isolar-se nos bosques mas imergir-se nas metrópoles.

7.1.3. Como para o pároco dos ATP e da DA e para o sacerdote descrito pelo Concílio (cf. *Presbyterorum ordinis*, n.º 14), o Fundador pensou e estruturou os elementos da vida paulista de modo que convirjam na formação e no fortalecimento em continuidade do apóstolo: a espiritualidade e as práticas de piedade, a formação humana e as virtudes sociais, a preparação cultural, incluindo aqui a iniciação sistemática na comunicação e no domínio das línguas, os quatro votos de consagração e a vida comunitária, a especialização em vista do apostolado e o trabalho apostólico realizado em conjunto com outros, a formação contínua, o conhecimento e as relações com a Família Paulista.

7.1.4. O pároco e a mulher dos ATP e da DA têm o dever de colaborar para «salvar os homens de hoje», o Paulista e a Paulista operam pelos «homens que vivem hoje, não pelos que viveram há séculos»; o Concílio foi celebrado para dialogar com os homens de hoje que vivem no meio de mudanças profundas.

A pastoral tem em vista as pessoas e os públicos de hoje, aos quais o Paulista deseja oferecer o seu testemunho mediante o seu apostolado, constitui parte integrante da sua identidade apostólica.

Não tendo como público os habitantes de uma paróquia territorial, mas a «paróquia paulista que é grande como o mundo inteiro», o conhecimento das pessoas, entre as quais o Paulista vive e que podem ser os interlocutores do seu apostolado, faz-se através de vários instrumentos: as descrições oferecidas pelas ciências humanas especializadas na observação da sociedade, da cultura e do comportamento dos crentes; as análises do consumo dos «produtos» religiosos, a monitorização constante da difusão da nossa produção apostólica, os estudos de marketing feitos com objetivos pastorais; as indicações que emergem do plano pastoral dos bispos, as análises da conferência nacional dos religiosos, os textos do magistério universal; a participação direta em eventos sociais, culturais, espetáculos e diversões locais; a observação do que se produz e atrai o interesse do público nas várias formas de comunicação, o estudo sistemático do mundo juvenil, etc.

Desde os primeiros momentos da fundação, a sociologia era para o Primeiro Mestre uma disciplina indispensável «para salvar os homens de hoje»; com efeito, se a razão teológica de colaborar com a missão de Cristo é prioritária a nível de motivação sobrenatural, um projeto de pastoral paulista tem como ponto de partida operativo o público com o qual quer entrar em comunicação.

7.1.5. O ministério paroquial nos ATP e na DA tem como objetivo envolver o crente na integralidade da vida de fé e injetar na sociedade os valores cristãos; as prioridades editoriais fixadas pelo Primeiro Mestre para a congregação pretendem ser uma pregação explícita de «Cristo integral» e uma valorização de tudo o que é humano; o Concílio, além de apresentar

a totalidade da vida de fé, amplia o seu diálogo com o ecumenismo, com as outras religiões e com todos os homens «de boa vontade». Os conteúdos da experiência de fé comunicada pelos Paulistas e pelo seu apostolado baseiam-se no critério alberioniano: «apresentar o Cristo total»⁴¹ e «não falar somente de religião, mas de tudo falar cristãmente» (AD, n.º 87): a fé apresentada na sua integralidade e todas as realidades humanas consideradas à luz do Evangelho.

Viver e comunicar aos outros o Evangelho de Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida no espírito do Apóstolo São Paulo e sob o olhar de Maria Rainha dos Apóstolos (cf. AD, n.º 93) é o que constitui o espírito paulista. O específico da experiência de fé do Apóstolo e do apostolado paulista são «o Evangelho como foi interpretado por São Paulo».

Por vontade do Fundador, a Sociedade São Paulo, no início, e depois toda a Família Paulista têm como missão ser na Igreja de todos os tempos «São Paulo hoje vivente». A centralidade de São Paulo, como pai, mestre, modelo e Fundador é um dos elementos imutáveis do carisma paulista, que não se esgota na adoção de «novos meios de apostolado», mas propõe-se continuar na comunidade eclesial o «Evangelho de São Paulo»: o seu modo de compreender, viver e pregar Cristo. A Família Paulista não oferece à Igreja somente «apostolados novos», mas a experiência de fé em Cristo como foi pensada, vivida e pregada por São Paulo. Se queremos renovar o carisma paulista, aprofundemos as cartas de São Paulo e o seu apostolado.

7.1.6. As numerosas referências ao poder da imprensa que divulga valores não cristãos, as exortações pela difusão da boa imprensa (livros, jornais, revistas, boletins, publicações, etc.), a utilidade das bibliotecas paroquiais, presentes nos ATP e na

⁴¹ Cf. também AD 160; *San Paolo*, dezembro de 1957, II; cf. *Carissimi in San Paolo*, cit., p. 862.

DA, são motivados pela convicção de que a imprensa é «uma pregação alternativa» que se pode opor à pregação do pároco. Dando início à sua primeira fundação, o Primeiro Mestre descreve o apostolado da imprensa como uma verdadeira pregação, uma nova evangelização pela «pregação escrita», com a mesma dignidade da «pregação oral» e que mutuamente se completam.

A evangelização com a imprensa e, ainda, com os outros *mass media* e com «os meios mais céleres e eficazes que o progresso inventar», constitui um elemento imutável do carisma paulista.

O Fundador não foi o primeiro nem o único a pensar e agir para pôr a imprensa ao serviço da vida cristã, mas certamente foi aquele que com a congregação deu início na Igreja a um «ministério sacerdotal» que evangelizou com a imprensa, porque o ministério sacerdotal paroquial já não é mais suficiente para «pregar o Evangelho a todos», em especial àqueles que já não frequentam a igreja. A imprensa não é só uma ajuda ao pároco: é um pároco «novo» e «original».

«As quatro piedosas mulheres que fazem a comunhão em cada manhã, os quatro jovens que se reúnem à volta do pároco todas as tardes, podem não representar quase nada, nem são o povo todo: muitas outras ovelhas andam fora do redil e não se deixam ver pelo Pastor porque não O conhecem, porque talvez O atacam, ou O têm como adversário porque não O conhecem. As almas devem todas ser salvas: espera-se que o Pastor vá ter com elas: hoje vai-se a estas almas com a imprensa.»⁴²

Explicando a distinção entre «imprensa boa» e «apostolado da boa imprensa», o Primeiro Mestre afirmou: «Para fazer esta imprensa boa basta haver homens que sabem; mas para fazer o

⁴² *Unione Cooperatori Buona Stampa*, 28 de outubro de 1922; cf. *La primavera paolina*, ao cuidado de Rosario F. Esposito ssp, Roma, 1983, p. 645 s.

apostolado da imprensa é preciso um coração, uma alma sacerdotal. Este é apostolado eminentemente sacerdotal.»⁴³

No Congresso-geral dos Estados de perfeição (Roma, 26 de novembro de 1950), o Primeiro Mestre explica a todos os superiores-gerais: «O padre prega a um pequeno irrisório rebanho, com igrejas quase vazias em muitas regiões... Deixam-nos os templos, quando no-los deixam e tomam-nos as almas. Será útil considerar as palavras do cardeal Elia Dalla Costa: "[...] ou nós olhamos corajosamente para a realidade para além do pequeno mundo que anda em volta de nós, e então veremos urgente a necessidade de uma agitação radical de mentalidade e de método; ou então no espaço de poucos anos teremos feito um deserto à volta do Mestre da vida; e a vida, justamente, eliminar-nos-á como ramos mortos, inúteis, estorvantes." »⁴⁴

A pregação com a imprensa é a mentalidade, o método e os meios novos para a evangelização que o beato Alberione ofereceu à comunidade eclesial a partir de 1914. O magistério universal sobre a comunicação, que precedeu e acompanhou o Fundador, e o Decreto conciliar *Inter mirifica* inspiraram e confirmaram o seu pensamento e a sua obra.

Os vários textos oferecidos pelo magistério universal que acompanharam o aparecimento do fenómeno da comunicação, o estudo sistemático da mudança da própria natureza da comunicação, que de um conjunto de tecnologias para comunicar passou a ser uma verdadeira cultura e hoje, graças à linguagem digital, é um segundo ambiente de vida individual e social, são um constante estímulo para o carisma paulista se «converter» a fim de ser mais pastoral e se renovar no pensamento e nas iniciativas para ser jovem, de hoje.

⁴³ *Unione Cooperatori Buona Stampa*, 20 de janeiro de 1926; cf. *La primavera paolina*, cit., p. 668 s.

⁴⁴ *San Paolo*, novembro de 1950; cf. *Carissimi in San Paolo*, cit., p. 807.

7.1.7. O pároco dos ATP e da DA é o responsável único da «cura de almas», mas se quiser realizar com eficácia a sua missão precisa de formar «cooperadores» e, entre estes, a mulher. O Concílio Vaticano II, com a eclesiologia do povo de Deus fundada no batismo, envolve todos os fiéis, de modos diferentes e complementares, na evangelização. Logo que foi fundada a nossa congregação, o Primeiro Mestre fundou também as Filhas de São Paulo para envolver a mulher no apostolado da imprensa, convencido de tudo quanto escrevera nos ATP e na DA. Ser-nos-ia fácil documentar como, de modos diferentes mas sem exceções, também todas as outras instituições da Família Paulista foram envolvidas no apostolado da imprensa, seja como complemento da pregação da Sociedade São Paulo, seja como um dos meios para realizar o apostolado específico. Resumindo a espiritualidade paulista e os apostolados paulistas às Anunciatinas, o Fundador afirmou: «Então usamos especialmente os meios técnicos como centro da Família Paulista.»⁴⁵

No quadragésimo aniversário da fundação da Sociedade São Paulo, o Primeiro Mestre reconheceu: «Desde 1904 até 1944 houve sempre um certo tormento interno quanto ao problema fundamental: como conservar a unidade de espírito e ao mesmo tempo a independência administrativa e diretiva das quatro congregações paulistas [a Família Paulista de então]» (AD, n.º 131); «uniformizar-se ao Direito Canônico, vigente desde 1917 e procurar a unidade espiritual em Jesus Cristo Divino Mestre» (AD, n.º 132).

Todas as preocupações derivantes de como organizar a unidade e a diversidade das instituições da Família Paulista, não apenas até 1944 mas também até 1971, não modificaram nenhuma convicção constante do Fundador: pôr juntos a trabalhar o homem e a mulher, o sacerdote e a religiosa numa única espiritualidade e em apostolados convergentes.

⁴⁵ *Meditazioni per consacrare secolari*, cit., p. 486.

Durante o mês de exercícios espirituais de 1960, o Primeiro Mestre, falando da relação «homem e mulher», «sacerdote e religiosa», repete as convicções dos ATP e da DA: «A mulher, mesmo aquela consagrada a Deus, precisa do Sacerdote; o Sacerdote deve servir-se em muitos apóstolados da mulher, porque são mais apropriados a ela. Assim, a Divina Providência, ao lado da Sociedade São Paulo, fez nascer as Irmãs Filhas de São Paulo, as Pias Discípulas, as Pastorinhas, as Apostolinhas.» (UPS, III, n.º 184; cf. n.ºs 182-185)

Aos exercícios espirituais extraordinários das Filhas de São Paulo em 1961, o Fundador retomou a mesma convicção: «É sempre assim: no princípio de todo o bem e no princípio de todo o mal está a mulher, como tantos escritores e a história confirmam. É necessário então que nós pensemos no contributo que pode vir da mulher para a Igreja, para a humanidade. É por isso que se pensou na Família Paulista, o Senhor não a quis constituída apenas por homens, mas qui-la constituída também por mulheres.»⁴⁶

A necessidade de colaboração entre homem e mulher foi o tema de uma «declaração» quase testamentária do beato Alberrione: «Os nossos institutos femininos, segundo as disposições divinas, deveriam ter a seu lado com um fim paralelo um respetivo instituto masculino. Deste modo, as Filhas de São Paulo ao lado delas e com um fim paralelo a Pia Sociedade São Paulo. Em concreto: Pias Discípulas para a liturgia e sacerdotes para a liturgia e adorações. Pastorinhas e Pastores. Apostolinhas e Apóstolos. Não me é possível realizar tudo, já que se deveriam preparar jovenzinhos até ao sacerdócio. [...] Esta é a santa herança para os meus sucessores de completarem a obra.» (AD, n.ºs 345-348)

⁴⁶ *Alle Figlie di San Paolo. Spiegazione delle Costituzioni*, 1961, cit., n.º 440.

A paróquia paulista, composta pelas instituições da Família Paulista, conflui num «exército»: «A Santa Sé para as obras de interesse geral dispõe do exército dos religiosos. [...] Consuma-se bem a vida quando se serve a Igreja, o Papa.» (UPS, I, n.º 383) A Família Paulista oferece à comunidade eclesial pelo menos três contributos: a espiritualidade de São Paulo; a evangelização na comunicação como ministério sacerdotal, potenciada pelos outros apostolados paulistas; a possibilidade de ser apóstolos paulistas nos diversos estados de vida cristã (sacerdotes, irmãos, irmãs, leigas e leigos consagrados na secularidade, cooperadores).

8. ECLESIOLOGIA E PASTORAL DO CARISMA PAULISTA HOJE

8.1. Estamos a viver com toda a comunidade eclesial o Ano da Fé, por ocasião dos cinquenta anos do Concílio Vaticano II, e uma mobilização de pensamento e de iniciativas para uma nova evangelização. A Igreja, depois da experiência do Vaticano II e motivada pelos documentos pontifícios: *Ecclesiam suam* (Paulo VI, 6 de agosto de 1964), *Evangelii nuntiandi* (Paulo VI, 8 de dezembro de 1975), *Redemptoris missio* (João Paulo II, 7 de dezembro de 1990) e pelas exortações apostólicas⁴⁷ fruto dos sínodos continentais do Jubileu de 2000, tomou mais consciência da sua identidade: a sua razão de ser é a evangelização.

O carisma paulista, desde o princípio, recebeu esta missão, na qual convergem a eclesiologia e a pastoral. Os seus objetivos pastorais, a realizar com a comunicação, foram pensados numa eclesiologia centrada na hierarquia e no sacerdócio ministerial. Com a eclesiologia de comunhão, do povo de Deus, do sacerdócio comum dos fiéis, com o magistério universal sobre a comu-

⁴⁷ João Paulo II, *Ecclesia in Africa*, 14 de setembro de 1995; *Ecclesia in America*, 22 de janeiro de 1999; *Ecclesia in Asia*, 6 de novembro de 1999; *Ecclesia in Oceania*, 22 de novembro de 2001; *Ecclesia in Europa*, 28 de junho de 2003.

nicação, a razão de ser pastoral da congregação foi confirmada, ampliada e mais valorizada. Sentimo-nos plenamente integrados na Igreja delineada pelo Vaticano II.

8.2. Aplicando a eclesiologia e a pastoral do Concílio às relações internas da Família Paulista, como nos deixou em herança o Primeiro Mestre, podemos avivar alguns temas.

O papel que o beato Tiago Alberione desempenhou como Fundador de todas as nossas instituições é único e irrepetível: o que ele conseguiu, mais ninguém depois dele o pode realizar. A função de "altriz", que ele quis reservar à Sociedade São Paulo e, em especial, ao superior-geral, para ser atualizada com eficácia necessita em primeiro lugar de um estudo histórico fiável, como foi iniciado no V Encontro dos governos-gerais da Família Paulista (12-20 de setembro de 1987), abordando o tema «O ministério da unidade na Família Paulista»⁴⁸.

Para além do estudo histórico sobre a vontade e sobre o desígnio do Fundador, para atribuir um significado adequado e efetivo à função de "altriz" da Sociedade São Paulo, deve-se aprofundar a mudança que houve na eclesiologia acerca das relações e das competências do sacerdócio ministerial e do sacerdócio batismal de todos os fiéis.

O Primeiro Mestre deu uma interpretação prática inovadora a 1Pd 2,9 (cf. AD, n.º 41), estendendo um quase sacerdócio pastoral ao discípulo, à religiosa, aos leigos consagrados na secularidade e aos cooperadores paulistas, mas de um ponto de vista eclesiológico referido ao sacerdócio do presbítero.

Porque, a seu modo, como a tríplice função ministerial, com o sacerdócio do povo de Deus, realiza-se em cada fiel, os apóstolos da Família Paulista têm a sua justificação e dignidade no batismo.

⁴⁸ Cf. *Il ministero dell'unità nella Famiglia Paolina*, Archivio Storico Generale FP, Roma, 1987, caderno 17.

A ampliação eclesiológica que deriva para a identidade dos Paulistas e das Paulistas do Vaticano II pode ser uma oportunidade para dar um significado atual à função do sacerdócio paulista para as outras instituições: conservar e alimentar o espírito paulista. Esta missão específica realiza-se com o ministério sacerdotal junto das comunidades paulistas e, de modo particular, com a promoção dos valores carismáticos da Família Paulista: a única espiritualidade centrada sobre Cristo Divino Mestre Caminho, Verdade e Vida como São Paulo o entendeu (cf. UPS, III, n.º 187), o estilo da vida paulista: tudo pela missão, o específico de qualquer apostolado que, porém, deve ser convergente e complementar com todos os outros.

Para o apostolado da Sociedade São Paulo a eclesiologia e a pastoral do Vaticano II têm oferecido uma base ainda mais sólida à intuição original do beato Alberione de realizar o apostolado da imprensa e da comunicação não só como uma atividade pastoral, mas como um verdadeiro «sacerdócio ordenado». O beato Alberione não pensou o «sacerdote escritor» somente de um ponto de vista pastoral, para desempenhar uma atividade parcial que encontre noutra lugar a sua totalidade, mas com o fundamento eclesiológico que empenha a tempo inteiro, porque é completa como a pregação oral. O sacerdócio como ministério ordenado na comunicação exerce-se sobre o modelo de São Paulo, enviado a pregar e não a batizar (cf. 1COR 1,17), e transformando a pregação num ato litúrgico (cf. RM 15,16). Se Deus quiser, o tema do sacerdócio paulista na comunicação será o tema do próximo ano, com o estudo e a atualização pela comunicação digital da *União dos Cooperadores da Boa Imprensa* (1918-1927) e do *Apostolado da imprensa* (1933).

8.3. Se o carisma paulista é de sua natureza «pastoral» que faz com que a Família Paulista seja toda ela pensada, pelo Fundador, «para a pastoral», convém refletir como a eclesiologia e a pastoral do Vaticano II incidem sobre a evangelização realizada com os apostolados paulistas.

Uma investigação, que envolva todas as instituições da Família Paulista para documentar as indicações dadas pelo Fundador para descrever a espiritualidade paulista como projeto unitário, tem sentido somente se se completar com o estudo de como esta espiritualidade comum foi «dada» aos outros com a convergência e a complementaridade dos apostolados: «Viver e dar ao mundo», não é apenas «viver fechados nas nossas comunidades» em quieta contemplação.

Durante a existência do Primeiro Mestre, as instituições, que sucessivamente apareceram, na sua progressiva formulação de identidade encontraram uma convergência, por ele mesmo estabelecida, na participação ao apostolado da Sociedade São Paulo. Após o Vaticano II e o desaparecimento do Primeiro Mestre, apesar da colaboração entre o superior-geral e as superiores-gerais e com a experiência dos encontros regulares anuais dos governos-gerais, consolidou-se uma autonomia apostólica que encontrou uma unidade de ideais como intenção declarada, mas também episódios de divergências e percursos solitários a nível operativo.

Na vigília do centenário do nascimento do carisma paulista, para nos sentirmos Família Paulista é oportuno interrogar-nos se queremos delegar à onipotência da Divina Providência a unidade dos nossos respetivos apostolados ou se devemos escutar as observações que por vezes nos vêm dos responsáveis das Igrejas locais, ou ter em conta os comentários dos que se servem dos nossos apostolados e escutar o desejo de colaboração presente nos Paulistas e nas irmãs da Família Paulista.

Além do «projeto unitário» da espiritualidade comum, deveremos sentir a necessidade de um «projeto apostólico convergente» dos diferentes apostolados paulistas, elaborado em conjunto com uma programação mínima, mas partilhada por todos. Creio que os temas prioritários de tal projeto apostólico poderiam ser: a vigilância, para que os nossos apostolados sejam «paulistas», fruto e promoção de uma experiência

de fé com São Paulo como modelo; a observação sistemática da dimensão pastoral dos nossos apostolados com o estudo atento das mudanças por parte dos nossos interlocutores de hoje, a preferir mais do que aos «destinatários»; a adequada assimilação mental e operativa da comunicação digital com as consequências que daí derivam para todas as componentes da vida paulista.

A PASTORAL PAULISTA É COMUNICAÇÃO

Ao pensar e projetar o carisma paulista na sua identidade pastoral são de conforto e estímulo as palavras do Primeiro Mestre, que nos assegura ter-nos deixado um carisma que será sempre jovem desde que realize a sua missão de «evangelizar os homens de hoje com os meios de hoje»: «Nas Constituições há artigos que nunca permitirão à Família Paulista envelhecer ou ser inútil para a sociedade: basta que sejam bem interpretados e concretizados: haverá sempre novas atividades indicadas e apoiadas no único apostolado.» (AD, n.º 130)

Se é verdade que «a missão renova a Igreja, revigora a fé e a identidade cristã, também dá novo entusiasmo e novas motivações. A fé reforça-se dando-a!»⁴⁹, o carisma paulista encontra na evangelização com a comunicação a sua permanente cura de juvenilidade.

Com afeto fraterno.

Roma, 20 de agosto de 2013

99.º ano da fundação da Sociedade São Paulo

Pe. SILVIO SASSI, SSP



Superior-geral

⁴⁹ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptoris missio*, 7 de dezembro de 1990, n.º 2.

ÍNDICE

0. A Família Paulista nasceu para a pastoral	7
1. A Família Paulista já presente em gérmen nos ATP e no DA	14
2. A pastoral paroquial nos ATP e na DA	19
3. Síntese dos conteúdos nos ATP e na DA	60
4. Eclesiologia e pastoral presentes nos ATP e na DA.....	63
5. Eclesiologia pastoral dos ATP e da DA aplicadas à Família Paulista	67
6. Eclesiologia e pastoral segundo o Concílio Vaticano II	71
7. Atualização da eclesiologia da pastoral do carisma paulista	74
8. Eclesiologia e pastoral do carisma paulista hoje	82
A pastoral paulista é comunicação	86

